

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**A GINÁSTICA RÍTMICA COMO CONTRIBUTO NA
INTEGRAÇÃO SOCIAL: ESTUDO DO PROJETO
“CRIANÇA NA QUADRA”**

SIMONI VALENTE RIBEIRO

PIRACICABA, SP

2006

**A GINÁSTICA RÍTMICA COMO CONTRIBUTO NA
INTEGRAÇÃO SOCIAL: ESTUDO DO PROJETO
“CRIANÇA NA QUADRA”**

SIMONI VALENTE RIBEIRO
Orientadora: Profa. Dra. Roberta Gaio

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Pós-Graduação em Educação Física da UNIMEP como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

PIRACICABA, SP
2006

SIMONI VALENTE RIBEIRO

**A GINÁSTICA RÍTMICA COMO CONTRIBUTO NA
INTEGRAÇÃO SOCIAL: ESTUDO DO PROJETO
“CRIANÇA NA QUADRA”**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Pós-Graduação em Educação Física da UNIMEP como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Roberta Gaio

Prof. Dr. Antonio Carlos Gomes

Prof. Dra. Tânia Mara Sampaio

Piracicaba, ___ de _____ de 2006.

A você meu marido Eduardo...

com todo meu amor.

*Edu, se você não existisse, meu universo
jamais seria o mesmo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, que existe em minha vida mais do que tudo e que me presenteou com uma família maravilhosa e amigos sinceros.

Agradeço aos meus filhos amados, Anna Luíza, Amanda e Mateus pela compreensão da minha falta de tempo e atenção.

Agradeço às minhas companheiras de trabalho Eloísa, Carol, Ana Carolina e Priscila por toda amizade e força nos momentos difíceis e por acreditarem sempre na vitória pela nossa união.

Agradeço a AGINARC, fonte de muitas pesquisas e às atletas que compõe essa equipe maravilhosa.

Agradeço duas grandes amigas Lígia e Cleusa, por todo apoio e suas palavrinhas mágicas que sempre vieram nas horas certas.

Agradeço aos professores, membros da banca, Tânia Mara e em especial ao amigo Antonio Carlos.

Agradeço à Professora Roberta Gaio pelo aprendizado ao longo desse curso acadêmico.

“O Anjo da Cooperação”



“A cooperação é a verdadeira cura para a solidão. É impossível ficar isolado quando nossos talentos e habilidades estão a serviço da alegria de trabalhar juntos por um objetivo comum”.

RESUMO

Afirmar que o desporto, entre outros a Ginástica Rítmica é considerado um dos grandes acontecimentos sociais dos tempos modernos não é qualquer novidade. Nos últimos anos assistimos a uma radical mudança no desporto. Estamos perante um mesmo fenómeno, que, como todos os fenómenos sociais, é historicamente condicionado e culturalmente determinado. Dentro desse contexto, a atividade desportiva desponta como um elemento de integração social entra crianças de classe economicamente diferente. Diversas práticas desportivas buscam o desenvolvimento da inclusão, entendendo-a como elemento fundamental ao processo de integração e também como forma de resgate da cidadania perdida diante das desigualdades sociais. Em vista da Ginástica Rítmica no Brasil ser oferecidas prioritariamente em clubes sociais e na rede privada de ensino, o imaginário social constituído, nos remete a um grupo cuja maior parte de suas praticantes é composta de crianças e jovens de classe social economicamente média e alta, o que torna um esporte como a Ginástica Rítmica em seletista e elitizado, deixando de oportunizar que crianças de baixa renda sequer conhecer. Em Curitiba, capital do Estado do Paraná a Associação Curitibana de Ginástica Rítmica – AGINARC, consegue transformar essa realidade e a vida de muitas crianças. Comprometida com o resgate da cidadania e a vivência do treinamento numa equipe de alto rendimento, na construção da ginasta, promove condições de superação das barreiras e preconceitos como raça, classe social, nome ou sobrenome e as integram. O Projeto "Criança na Quadra" resgata meninas das classes sociais mais empobrecidas e as inclui nas escolinhas de base da Ginástica Rítmica, onde também estão presentes crianças de outras classes sociais e onde a "troca" de realidades se transforma numa grande integração.

ABSTRACT

Assuring that the sport, as many others, Rhythmic Gymnastics is considered one of the great modern, social times events is not any news. In the last years we have watched a radical change in the sport. We are in front of a phenomenon that like all other social phenomenons is historically dependent and culturally determined. In this context, the sport shows how an element of social integration between children of different economy classes. Many sports look for the increase in comprehension, understanding that the fundamental element of the integration process is also a way of making better the social difference. Rhythmic Gymnastics in Brazil is to be prioritized offered in social clubs and private schools, where most are children and adolescents in the medium and high social economy class, which makes Rhythmic Gymnastics in selective and fot the elite people, not having children in the lower classes participating in it. In Curitiba, capital city of Paraná, the “Associação Curitibana de Ginastica Ritmica – AGINARC”, can change many lives of children. Committed to the making better citizenship and the training of the sport with a crew of high achievements, in the construction of the gymnast, it promotes conditions of getting past barriers such as prejudice of race, social class, name; making people integrate. The project “Criança na Quadra” helps girls from lower social classes and puts them into Rhythmic Gymnastics schools. Where there are other children from different social classes. This is when the exchange of reality transforms into great integration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – SOCIEDADE: DAS RELAÇÕES SOCIAIS À INTEGRAÇÃO DE CLASSES ATRAVÉS DO ESPORTE.....	16
CAPÍTULO 2 – O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE E DA GINÁSTICA RÍTMICA INTEGRANDO CRIANÇAS NA SOCIEDADE.....	47
CAPÍTULO 3 – A INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS ATRAVÉS DO TREINAMENTO DA GINÁSTICA RÍTMICA: A PESQUISA.....	66
3.1 METODOLOGIA.....	66
3.2 UNIVERSO DA PESQUISA.....	67
3.3 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICE.....	110

INTRODUÇÃO

Após vários anos trabalhando com a Ginástica Rítmica, no município de Londrina estado do Paraná, considerado este um dos maiores centros de treinamento dessa modalidade esportiva, e onde se encontra um grande número de crianças praticantes, passamos a desenvolver um trabalho de iniciação ao alto nível na modalidade em Curitiba que até então era realizado apenas por meio de trabalhos em escolas.

O número de crianças que praticavam a Ginástica Rítmica em Londrina era muito grande devido ao trabalho de interação social realizado a partir de um teste anualmente agendado e divulgado em todas as redes de comunicação do município para que crianças de todos os bairros fossem convidadas a participar. Nesse teste as meninas mais talentosas fisicamente, eram encaminhadas ao alto nível e as demais para o projeto de massificação da Ginástica Rítmica.

O mesmo não acontecia em Curitiba. A Ginástica Rítmica nessa cidade era desenvolvida apenas em escolas de bairros centrais da rede privada de ensino como opção de atividades extracurriculares, o que fazia com que poucas crianças tivessem conhecimento desse esporte.

O trabalho com a Ginástica Rítmica que começamos a desenvolver em Curitiba foi a convite de algumas meninas que praticavam a modalidade numa dessas escolas acima mencionadas, porém, tinham como objetivo não só o aprendizado da Ginástica Rítmica como também a participação em campeonatos e torneios.

Nessa época, as meninas encontravam-se sem treinadora, mas, motivadas com a atividade continuavam praticando com auxílio da ginasta mais velha. Tinham a idade entre nove e quatorze anos e pertenciam a uma classe sócio-econômica privilegiada.

O local de treinamento dessas meninas era uma quadra particular locada por um valor muito alto, apesar de não possuir condições básicas para o treinamento e esse aluguel era rateado entre os pais das mesmas.

Quando aceitamos o convite para desenvolver o trabalho de iniciação ao alto nível com a Ginástica Rítmica em Curitiba colocamos algumas regras para que pudessemos dar início a um treinamento mais adequado. Conseguiu-se através da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer do Município um ginásio melhor a preço mais acessível, comprou-se um tapete, instituiu-se uma associação sem fins lucrativos denominada: Associação Curitibana de Ginástica Rítmica - AGINARC, e então iniciou-se um trabalho profissional e sem precedentes no município.

Essa associação não se ateve a trabalhar apenas com essas crianças, após incluirmos uma criança de classe empobrecida nas aulas de Ginástica Rítmica, que morava nos arredores do ginásio e essa ser aceita e se integrar às outras crianças que já praticavam a modalidade, a AGINARC, ao longo de seis anos introduziu mais crianças de população menos favorecida, na prática da Ginástica Rítmica, desenvolvendo então um projeto onde mais de mil crianças já tiveram a oportunidade de praticar essa modalidade, denominado “Criança na Quadra”.

A Ginástica Rítmica é uma modalidade essencialmente desportiva que se fundamenta na expressividade artística. É conceituada como a busca do belo, uma explosão de talento e criatividade, em que a expressão corporal e o virtuosismo

técnico se desenvolvem juntos, formando um conjunto harmonioso de movimento (LAFFRANCHI, 2000).

Para se desenvolver um treinamento de alto nível neste esporte a criança deve iniciar a prática Ginástica Rítmica ainda muito cedo, ou seja, por volta de sete anos de idade.

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa teve como meta responder a seguinte questão: Será que “incluindo” meninas de origem social empobrecida que possuíssem talento, para o treinamento de alto rendimento na Ginástica Rítmica em uma prática com crianças de classe social mais favorecida economicamente, desconsiderando essas diferenças existentes entre elas, não poderíamos ajudar na integração social geral desta equipe?

O presente trabalho tem como objetivo geral estudar as configurações e estabelecer relações sociais verificando as disputas de poder dessa configuração que surge a partir das atletas integrantes de uma equipe de Ginástica Rítmica, composta por meninas de classes sociais economicamente diferentes, seus familiares, técnicos, professores, e outros. E como objetivo específico analisar a integração social desse grupo de atletas de Ginástica Rítmica composta por oito meninas de classes sociais economicamente diferentes, que iniciaram no esporte a partir de sete e oito anos de idade, no município de Curitiba, Estado do Paraná.

Para Marchi Jr (2002, p. 24) “o esporte é uma atividade física em constante desenvolvimento, construída e determinada conforme uma perspectiva social”. Partindo dessa afirmativa e tendo como bagagem o trabalho com a Ginástica Rítmica em Londrina, justificamos esse trabalho como sendo um contributo para crianças de camadas sociais menos favorecidas participar de uma modalidade

esportiva do mesmo modo que as crianças de camadas sociais mais abastadas economicamente promovendo assim a integração social através desse esporte.

O Conselho Nacional de Educação Física – CONFEF (2004) descreve que a Educação Física, a ser utilizada em espaços distintos de toda ordem, como academias, clubes, condomínios, áreas públicas e outras, se torna de qualidade quando se constitua de uma expressão de democracia, atendendo as opções das pessoas e oferecendo condições de igualdade em suas práticas. Sendo assim, o trabalho aqui apresentado com a modalidade Ginástica Rítmica é justificado à medida que se torna um ato de integração entre as classes sociais distintas.

Quando uma técnica realiza um treinamento de Ginástica Rítmica, esta técnica está em contato social com suas atletas, estabelecendo, uma intercomunicação entre atletas e técnica assim também entre técnica e atletas, ou seja, uma configuração social. As atletas aprendem coisas novas, portanto, seus comportamentos passam por modificações. Também o comportamento da técnica se modifica, ou seja, a técnica influencia as atletas, como as atletas influenciam a técnica, obtendo um dos aspectos mais importantes que propõe esse trabalho que é a modificação dos comportamentos dos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação estabelecida entre eles (OLIVEIRA, 2001).

Para Lucena (2002) a partir de meados do século XIX, a população brasileira, principalmente aquela que vive em centros urbanos, convive com instantes de certa diversidade e transformações de alguns hábitos, pelo confronto com culturas diferentes.

A partir desse fato, justifica-se esse estudo como contribuição também para a sociedade, à medida que podemos pensar a Ginástica Rítmica como uma prática

esportiva e também como uma manifestação de comportamentos e participação de toda e qualquer criança.

Tendo como referencial teórico à sociedade configuracional de Norbert Elias, buscamos analisar não apenas as ginastas envolvidas, mas também os conceitos fundamentais de formação, interdependências e disputa de poderes existentes nas configurações formadas e mostrando os meios pelos quais se entendem esses envolvimento, oportunizando, então, um entrelaçamento entre o desenvolvimento desse trabalho e as atletas.

A metodologia aqui apresentada será além da bibliográfica, o estudo de caso que segundo Gil (1999) reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto.

Os conceitos de sociedade, relações sociais, disputas de poder são baseadas nas teorias de Norbert Elias, suas configuração ou interdependências funcionais, uma vez que para Elias, a tendência ao equilíbrio de poder, constitui-se em elemento integral de todas as relações humanas (MARCHI JR, 2004).

Nos próximos capítulos desse trabalho, estaremos abrangendo os aspectos sociais e esportivos das crianças praticantes da Ginástica Rítmica.

No primeiro capítulo, abordaremos o que vem a ser sociedade, as diferenças sociais existentes entre as classes economicamente distintas, as configurações estabelecidas socialmente e suas relações quando tais diferenças podem vir a se integrar através do esporte.

No segundo capítulo, passamos a analisar o que vem a ser o esporte como um todo e seu desenvolvimento através da história. Fazendo parte dessa gama de modalidades, abordaremos mais especificamente a Ginástica Rítmica, do seu

surgimento como arte feminina, até se tornar um esporte de alto rendimento, que integram pessoas, sócios economicamente diferentes, quando praticada em equipe.

Realizaremos no terceiro e último capítulo o estudo proposto por este trabalho, com uma equipe de Ginástica Ritmica, composta por oito crianças vindas de classes economicamente diferentes, seus problemas e suas particularidades e como tais diferenças conseguem desaparecer, quando o trabalho é desenvolvido em equipe.

E assim ao finalizarmos este trabalho, sinalizamos que o mesmo não tem somente como objetivo analisar e interpretar a integração social das crianças que praticam a Ginastica Ritmica, mas mostrar a importância e contribuir que essa integração seja permanente e contínua mesmo quando estiverem fora do ginásio.

CAPÍTULO 1

SOCIEDADE: DAS RELAÇÕES SOCIAIS À INTEGRAÇÃO DE CLASSES ATRAVÉS DO ESPORTE

A sociedade é formada por pessoas que constituem teias de interdependências ou configurações de muitos tipos, tais como família, escolas, cidades, estratos sociais ou estados. A respeito disso, entendemos a sociedade como todos os indivíduos que fazem parte de uma mesma estrutura, porém, para entendê-la devemos ter consciência de que somos seres humanos entre outros seres humanos. (ELIAS, 1980).

No trabalho em questão essas configurações são criadas através de toda uma estrutura que a Ginástica Rítmica possui: seus dirigentes, técnicos, ginastas, dentre outras. Para pensarmos de modo científico, necessitamos nos referir habitualmente a essas estruturas como se existissem não só acima, mas para além de nós mesmos, ou seja, nos colocarmos do lado de fora da situação, mas também para acima e além de qualquer pessoa (ELIAS, 1980).

Para Elias (1994, p.16): as expressões, minha casa, minha universidade, minha aldeia, minha classe, meu país, não deixam de ser corretas, assim como na Ginástica Rítmica, minha equipe, minha série, minha técnica, porém fazem parte de um senso comum.

Nesse tipo de pensamento parece evidente que o “eu” ou os “indivíduos particulares” estão de um lado, havendo do outro a estrutura social, o “meio ambiente” que me rodeia, a mim e aos outros “eus” (ELIAS 1994).

Elias (1994) ainda afirma que, quando procuramos alargar a nossa compreensão dos processos humanos e sociais e adquirir uma base crescente de conhecimentos mais sólidos acerca desses processos, devem obter um discurso mais controlado sobre nossas forças compulsivas, assim podemos compreender melhor a sociedade. Para entendermos, basta passarmos em ruas da periferia de grandes cidades e constatarmos crianças ainda brincando descalças nas ruas. Não concordamos com isso e até mesmo criticamos esse fato, mas, devemos procurar orientar tais forças, de modo a encontrar um significado, tornando as pessoas menos sofridas, de vidas e de recursos, como por exemplo, promovendo a inclusão e a integração social.

Recorrendo a Werneck (1997) entendemos que inclusão social num processo educacional, sua prática tanto na escola quanto em outros locais é um meio de se promover justiça, democracia e integração entre as pessoas. A inclusão social pode ser uma prática constante e de responsabilidade de todo cidadão:

Inclusão social deve ser assunto de sala de aula, da mesa de jantar, de conversa de botequim, de papos de beira de praia, de churrasco aos domingos, de reunião de empresários, do curso e da prática diária dos políticos e dos governantes. (WERNECK, 1997, p. 23).

Partindo da afirmação acima entendemos que inclusão, assim como integração de crianças num esporte, deve ser um assunto tratado como uma conversa informal e cotidiana entre as pessoas.

Elias (1994) diz que quando estamos envolvidos na situação, muitas palavras e conceitos cujas formas atuais parecem ser essencialmente de interpretação de fatos naturais, como a inclusão, são transferidos indevidamente para a interpretação dos fenômenos humanos e sociais. É ainda muito difícil quando falamos e pensamos, pois, precavermo-nos contra a pressão social das estruturas verbais conceituais, por esse motivo é que necessitamos analisar a situação de fora para dentro, mesmo que para isso tenhamos que sair de nós mesmos.

Parece evidente segundo Coutinho (1990), que devemos numa sociedade falar de luta para alcançar um objetivo, mas não por um sentido imediato. O esporte está sempre ligado e determinado da cultura de um povo; e é lutando para reformar a cultura que se chega a modificar o “conteúdo” desse esporte, não de fora, mas sim de dentro de seu meio, porque assim se modifica o ser humano por inteiro, na medida em que se modificam seus sentimentos, suas concepções, bem como as relações dos quais o ser humano é expressão necessária.

Em assuntos sociais, ainda hoje percebemos que pessoas estão sujeitas às pressões e ansiedades que não conseguem compreender, como por exemplo, a falta de oportunidade de se integrarem a uma sociedade mais justa e por isso se utilizam de ilusões e fantasias para conviverem melhor com sua própria realidade: “Como não conseguem viver na angústia, sem que para tal tenham uma explicação, preenchem os lapsos de compreensão com fantasias” (ELIAS 1994, p.24).

Constatamos que é característica de nosso tempo a existência de uma compreensão dos problemas altamente realistas aos aspectos físicos e técnicos

dando soluções reais a essas fantasias. Problemas estes que atualmente, não queremos ou ainda não conseguimos explicar e ultrapassar com mais eficiência, como é o caso da integração social.

Ao falarmos em problemas sociais, Coutinho (1999) afirma que os problemas da sociedade não se esgotam na definição de uma justa perspectiva para resolvê-los. Existe toda uma estrutura social e econômica que precisa ser (re) criada para que essa sociedade se desenvolva de forma não elitista. O projeto social aqui estudado oportuniza crianças de camadas sociais distintas economicamente a integrar-se através do aprendizado e do treinamento da Ginástica Rítmica.

A Inclusão social não atinge apenas as partes mais empobrecidas, pelo contrário, a “troca” de realidades muitas vezes faz com que crianças de classes sociais mais abastadas aprendam o sentido da cidadania, quando o trabalho é realizado em conjunto, como ocorre no trabalho realizado de treinamento da Ginástica Rítmica que estamos estudando.

A essa colocação, Feitosa (1999 p. 88) afirma que: “nada é mais surpreendente do que a compreensão de que a porta que me permite a entrada nesse mundo interior é o outro, a pessoa que está diante de mim”. Cada criança vem de uma família diferente, de uma situação econômica diferente, de uma cultura diferente, por esses e por outros tantos motivos, precisamos cada vez mais uns dos outros. Nem sempre os recursos financeiros que solucionam os problemas, como é o caso do medo das crianças de grandes condomínios das cidades grandes, que não tem a mesma oportunidade de brincar como as de periferia.

No treinamento da Ginástica Rítmica muitas vezes, nos deparamos com diferenças e problemas criados por essas diferenças encontradas nas camadas sociais. Crianças empobrecidas, possuem muito mais oportunidade de brincar que

as crianças mais favorecidas economicamente, pois, brincam na rua, jogam bola, caem, se machucam e assim perdem o medo. As crianças de famílias mais abastadas economicamente, são na maioria das vezes privadas de “arriscar”, pois, trazem consigo “os medos” de seus pais e por isso não brincam. Ao chegarem no treinamento da Ginástica Rítmica, são integrantes de uma mesma equipe e de um mesmo esporte, tendo portanto que realizar as mesmas atividades e encontrando aí a dificuldade nos movimentos pela falta do brincar, mas que é progressivamente solucionado com o tempo e com as trocas das experiências das próprias crianças.

Elias (1980) afirma que planos de mudanças sociais (interesses de grupos) realizados de um modo realista e metódico, traçados com a ajuda de modelos científicos de desenvolvimento são inovações muito recentes. Muitas vezes os próprios modelos de desenvolvimento são ainda muito imperfeitos não respondendo adequadamente às estruturas sociais sempre mutáveis a que se referem.

Na divulgação do projeto “Criança na Quadra” o presidente da associação de moradores de um dos bairros da periferia de Curitiba, não deixou que propagássemos o teste às crianças do bairro. Para ele seria mais uma atividade como tantas outras que ali passaram e que permaneceram somente por dois ou três meses, fazendo as crianças voltarem novamente para as ruas ainda mais frustradas.

O sentido configuracional é usado por Elias (1980), para ilustrar redes de interdependência entre indivíduos e a distribuição de poder nas mesmas. É importante apontar que Elias não tem uma visão estática dessas configurações e busca captá-las em contínuo processo de constituição e transformação.

A distribuição de poder para Oliveira (2001) pode levar os indivíduos a agirem uns contra os outros para uma melhor situação. Ela nasce dos mais variados desejos humanos como ocupar uma posição social mais elevada, ter maior

importância no seu grupo, alcançar riquezas, assim também como alcançar uma posição melhor na sua equipe de treinamento, referindo-nos as atletas aqui estudadas. Nesse sentido as configurações não podem ser planejadas, programadas ou previstas, porque são construídas, e redimensionadas o tempo todo chegando a fazer analogia das configurações com uma dança de salão, onde as ações das pessoas ao dançarem são interdependentes naquele local e no momento da dança. (ELIAS, 1993).

Ainda hoje nos mostra Elias (1980), que na política, a crença fundamental é o seu próprio perigo e os esforços constantes para aumentar o seu potencial de poder que se podem explicar totalmente, se apontarmos para o outro lado, para os rivais de momento, com o seu “sistema social” errado e suas “perigosas crenças nacionais”.

Oliveira (2001) afirma ainda que a disputa pode se transformar em conflito que se percebe na elevação da tensão social. O conflito social é um processo que através dele o ser humano provoca mudanças sociais muitas vezes não tão apropriadas para o seu grupo.

A diferença está que a disputa mesmo tomando formas de luta, sempre será pela melhoria do grupo, como podemos exemplificar nas atletas desse trabalho que possuindo um mesmo nível de treinamento disputam um lugar como titular na equipe. Já o conflito pode tomar a forma de rivalidade, discussão e até mesmo levando à guerra. Constatamos esse fato também nesse mesmo projeto estudado, num caso de uma mãe que ao perceber que sua filha não faria parte da equipe titular, tomou para si a situação e ameaçou a técnica de perder o apoio municipal, utilizando para isso a influência de sua família tradicional na cidade.

Muitas vezes projetos sociais que estão dando certo, são desfeitos ou desdenhados, pelo próximo governante, por se tratar de partidos divergentes. Assim os governos atuais defendem (talvez de boa fé) que conseguirão ultrapassar de um modo “racional” e “realista” os seus problemas sociais mais visíveis, deixados pelo seu antecessor. Mas na verdade só conseguem preencher lacunas do nosso ainda muito rudimentar conhecimento dos fatos sociais, no que diz respeito às dinâmicas das interconexões sociais, com doutrinas dogmáticas ou considerações de interesses partidários a curto prazo, como são as promessas políticas em época de eleições.

Para Elias (1980) o desenvolvimento do conhecimento científico, seja ele sobre a natureza ou sobre a sociedade, tem que ser considerado como uma transição para uma nova fase na busca geral do conhecimento efetuado pela humanidade; só então poderá ser investigado e definido teoricamente. “As pessoas modelam suas idéias sobre todas as suas experiências que tiveram dentro do seu próprio grupo, quase nunca se colocam do lado de fora, para se ter uma visão mais coerente do fato”. (ELIAS, 1980 p.33).

Devido às suas funções especializadas específicas, todos os indivíduos se tornam cada vez mais funcionalmente dependentes de um número cada vez maior de pessoas.

Num projeto social, assim como o que estamos trabalhando, muitas pessoas e situações estão envolvidas: crianças, pais, família, escola, enfim, uma gama de pensamentos distintos principalmente por se tratar de culturas diferentes, uma vez que o projeto integra crianças de classes sociais muitas vezes completamente opostas.

Ainda em Elias (1994, p. 15): “parte das pessoas abordam as formações sócio-históricas como se tivessem sido concebidas, planejadas e criadas tal como agora se apresentam”. Para onde quer que nos voltemos, deparamos com os mesmos problemas. Temos certa idéia tradicional do que nós mesmos somos como indivíduos. E temos certa noção do que queremos dizer quando dizemos “sociedade”. Mas essas duas idéias, a consciência que temos de nós como sociedade, de um lado, e como indivíduo, de outro, nunca chegaram realmente a andar juntas. Decerto nos apercebemos, ao mesmo tempo, de que na realidade não existe essa distância entre o indivíduo e a sociedade. Ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos. Mas quando tentamos reconstruir no pensamento aquilo que vivenciamos, como naqueles quebra-cabeças cujas peças não compõem uma imagem íntegra, que aparecem lacunas e falhas em constante formação em nossos fluxos de pensamento. (ELIAS, 1994).

Para tentar exemplificar a relação sociedade/indivíduo, Gestalt, apud Elias (1994) menciona uma casa feita de pedras e as pedras talhadas para compor uma casa, não passam de um meio e a casa de um fim, pois será que não somos também assim? Seres humanos individuais, não mais que um meio que vive e ama, lutam e morrem, em prol do todo social?

Na vida social de hoje, Elias (1990, p. 17) diz que: “somos incessantemente confrontados pela questão de como é possível criar uma ordem social que permita uma melhor harmonização entre as necessidades e inclinações pessoais dos indivíduos, de um lado, e, de outro, as exigências feitas a cada indivíduo pelo trabalho comparativo de muitos, pela manutenção e eficiência do todo social”.

Não há dúvida de que isso, a integração da sociedade de maneira a que não apenas alguns, mais na totalidade de seus membros tivessem a oportunidade de alcançar essa harmonia, é o que criaríamos se nossos desejos tivessem poder suficiente sobre a realidade. Mas, ao pensarmos calmamente no assunto, logo se evidencia que as duas coisas só são possíveis juntas: só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensões, perturbações e principalmente conflitos (ELIAS 1994).

Ainda o mesmo autor (1994, p.17) afirma que: “há uma clara ligação entre os abismos que se abrem entre indivíduo e sociedade, ora aqui, ora ali, em nossas estruturas de pensamento, e as contradições entre exigências sociais e necessidades individuais que são um traço permanente de nossa vida”.

Num projeto social, toda uma sociedade está altamente envolvida, pois a criança não vem sozinha, mas toda uma comunidade: seus pais, amigos, familiares, bairro, escola, enfim toda uma configuração sociológica a acompanha desde o primeiro instante da sua participação. Isso faz com que apareçam disputas de muitas partes, pois existe uma relação de poder principalmente entre pais, como em qualquer sociedade e quando falamos em comunidades referimos as associações estabelecidas mantidas por necessidades singulares de um determinado grupo de pessoas. (OLIVEIRA, 2001).

Muitos pais que diretamente são participantes desse projeto estudado se vêem muitas vezes como sendo essa, a única chance de uma vida melhor a suas filhas ao ingressarem na equipe de treinamento da Ginástica Rítmica, e assim, ultrapassa o limite de sua participação coadjuvante, deixando transparente a

agitação e o medo provocados por essa relação entre todas as pessoas implicadas. Isto pode ser visto nas cargas afetivas de que se revestem todas as palavras direta ou indiretamente relacionadas com elas; Elias (1990, p.18) explica que: “tal carga que se forma em torno dessas palavras, forma uma aura de valoração que mais obscurece do que esclarece o que elas pretendem expressar”.

Qualquer idéia que aluda a essa disputa, por mais remota que seja, é infalivelmente interpretada como uma tomada de posição a favor de um lado ou do outro. A tentativa de ver o que está por trás dessa antítese, ou, nem que seja apenas em pensamento, de transcendê-la, parece não fazer sentido para os participantes da disputa, transformando-a num conflito. “A disputa é impessoal, o conflito é pessoal, portanto emocional” (OLIVEIRA, 2001 p. 111).

Elias (1994) tenta ainda esclarecer partindo da remoção das camadas de dissimulação que encobrem o núcleo podendo assim, começar a resolvê-la. Os que aqui se defrontam principalmente, como se tivessem recebido seu saber dos céus ou de uma esfera da razão imune a experiência. Quer afirmar a sociedade ou o indivíduo como o objeto mais alto. Não entendem que nenhum dos dois existe sem o outro, na verdade, simplesmente o que existe é o indivíduo na companhia de outros e a sociedade como uma sociedade de indivíduos e, portanto não buscam a cooperação.

Oliveira (2001) entende que há dois tipos de cooperação; a cooperação direta e indireta. A direta que compreende uma atividade onde as pessoas realizam juntas. Em nosso trabalho com a Ginástica Rítmica, as atletas ao estarem em meio à competição e precisam uma das outras para poder conquistar a vitória do grupo. Já a cooperação indireta, aquela que as pessoas auxiliam também num bem melhor

para o grupo, mesmo realizando trabalhos diferentes. É o caso das mães que bordam as roupas de competição de suas filhas.

Muitas vezes, a cooperação indireta não é compreendida pelos seus participantes, na equipe de Ginástica Rítmica as mães, na ânsia de quererem sempre mais para suas próprias filhas do que para o grupo, acabam não auxiliando as outras que não entendem de bordado.

A afirmação de que os indivíduos são mais “reais” do que a sociedade expressa o fato de pessoas defendendo essa visão acreditam que alguns indivíduos, ou seja, suas próprias filhas são mais importantes, do que a associação onde estão inseridas, ou seja, a sociedade, no caso de nosso estudo a equipe da Ginástica Rítmica é menos importante.

A idéia de, “na realidade” não existir sociedade, apenas uma porção de indivíduos, diz aproximadamente tanto quanto a afirmação de que, “na realidade” não existem casas, apenas uma porção de tijolos isolados, um monte de pedras (ELIAS, 1994).

Além disso, a vida do ser humano é repleta de contradições, tensões e explosões. A vida em comunidade evidentemente não é sempre harmoniosa, porém existe a idéia de que alguma coisa se completa em si.

Se pensarmos nos “burburinhos” das ruas das grandes cidades: a maioria das pessoas não se conhece, uma quase nada tem haver com as outras, elas se cruzam aos trancos cada qual perseguindo suas próprias metas e projetos, vão e vem como lhes é conveniente. Cada pessoa, diz Elias (1994, p. 19): “nesse turbilhão faz parte de um determinado lugar, tem uma mesa onde come, uma cama onde dorme cada

um desses passantes tem uma função ou algum tipo de tarefa para os outros”. Cada indivíduo tem sua história, não podemos simplesmente do dia para noite mudá-la.

Ainda Elias (1994) nos sinaliza que há balconistas de lojas, garis, damas da sociedade, homens que vivem de renda, políticos, especuladores, imobiliários falidos, batedores de carteira (...) cada qual com a sua renda e sua função e ao passar pela rua essa função e renda mais ou menos evidente passam com ela. Não lhe é possível pular fora disso conforme sua “*veneta*”. Não é possível simplesmente, passar para outra função, mesmo que deseje. O atacadista de papel não pode subitamente transformar-se num mecânico, ou o desempregado num diretor de fábrica. Menos ainda pode qualquer um deles, mesmo que o queira tornar-se cortesão cavaleiro. O mesmo acontece com as ginastas que querem chegar ao topo sem passar antes pelas etapas de treinamento.

Cada indivíduo que é obrigado a usar certo tipo de traje está preso a um ritual no trato com os outros e a formas específicas de comportamento, muito diferentes. A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis. (ELIAS, 1994).

Cada ser humano afirma ainda Elias (1994), vive e viveu desde pequeno numa rede de dependências, muitas vezes pelo fato de pertencer a uma classe econômica menos privilegiada, que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita, porém, uma oportunidade de inclusão pode transformá-la.

Todas essas funções interdependentes, as de diretor de fábrica, ou mecânico, dona de casa, amigo ou pai, atletas, técnicos, são funções que uma pessoa exerce sobre a outra, um indivíduo para os outros indivíduos. Em virtude dessa

interdependência, os atos de muitos indivíduos distintos, especialmente numa sociedade tão complexa como a nossa, formam longas cadeias de atos para que as funções de cada indivíduo cumpram com suas finalidades.

A estratificação ou classificação social, para Turner (1999) é um termo usado para descrever uma sociedade que distribui renda, poder, prestígio e outros recursos de valor para seus membros desigualmente, criando assim classes distintas de membros que são comportamental, organizacional e culturalmente diferentes.

Ainda para Turner (1999) o nível da classificação é determinado por quão desigualmente os recursos são distribuídos, quão distintos são as classes sociais, quanta mobilidade ocorre entre as classes e quão permanente são as classes.

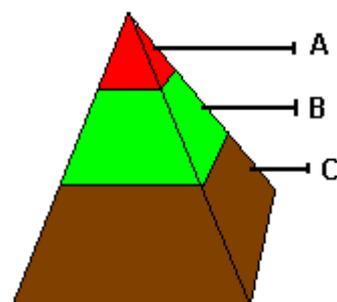
Oliveira (2001) propõe que classificação social é identificada por um tipo de estrutura social que dispõe o indivíduo, com suas posições e seus papéis sociais, em diferentes camadas ou estratos da sociedade. Esses estratos correspondem a graus diferentes de poder, riqueza e prestígio.

A classificação econômica se baseia na posse de bens materiais, fazendo com que haja pessoas ricas, pobres e em situações intermediárias. A determinância dessas camadas sociais pode ser efetuada em duas operações. (OLIVEIRA 2001, p. 113):

Primeira → Reúne as pessoas em grupos de acordo com o nível de rendimento que apresentam.

Segunda → Forma grupos com pessoas de uma mesma situação econômica, hierarquizando esses grupos.

Desse procedimento obtemos uma generalização do que determina a estratificação econômica, de acordo com o “nível de rendimento” OLIVEIRA (2001, p. 113):



Classe “A” ou Classe alta.

Classe “B” ou classe média.

Classe “C” ou classe baixa.

A Pirâmide social acima, representa graficamente as diferenças das camadas sociais de acordo com o critério de distância social existente.

Classificação de Graffard, é uma classificação social internacional estabelecida em Bruxelas, Bélgica pelo Professor Graffard. Este método baseia-se no estudo, não apenas de uma característica social da família, mas num conjunto de critérios para classificar as sociedades em graus. (WIKIPEDIA. ORG, 2006).

A) Fontes de rendimento familiar

Segundo a principal fonte de rendimento da família, adaptam-se as cinco categorias seguintes:

1º grau: A fonte principal é fortuna herdada ou adquirida (ex: pessoas que vivem de rendimentos, proprietários de grandes indústrias ou grandes estabelecimentos comerciais).

2º grau: Os rendimentos consistem em lucros de empresas, altos honorários, lugares bem remunerados, etc (ex: encarregados e gerentes, lugares com adição de rendimentos igual aos encarregados e gerentes, representantes de grandes firmas comerciais, profissões liberais com grandes vencimentos).

3º grau: Os rendimentos correspondem a um vencimento mensal fixo, tipo funcionário (ex: empregados de Estado, Governos Civis ou Câmaras Municipais, oficiais de primeira, subgerentes ou cargos de responsabilidade em grandes empresas, profissionais liberais de médio rendimento, caixeiros-viajantes).

4º grau: Os rendimentos resultam de salários, ou seja remuneração por semana, por jornada, por horas ou à tarefa (ex: operários, empregados de comércio e escriturários).

5º grau: O indivíduo e sua família são sustentados pela beneficência pública ou privada (ex: indivíduos sem rendimentos). Não se incluem neste grupo as pensões de desemprego ou de incapacidade para o trabalho.

B) Aspecto do bairro onde habita

Grupo 1º: Bairro residencial elegante, onde o valor do terreno ou os alugueis são elevados.

Grupo 2º: Bairro residencial bom, de ruas largas com casas confortáveis e bem conservadas.

Grupo 3º: Ruas comerciais ou estreitas e antigas, com casas de aspecto geral menos confortável.

Grupo 4º: Bairro operário, populoso, mal arejado ou bairro em que o valor do terreno está diminuído como consequência da proximidade de oficinas, fábricas, estações de caminhos de ferro, etc.

Grupo 5º: Bairros de lata.

Em nosso projeto social estudado a troca de informações que cada criança participante traz de sua realidade cultural, econômica e social faz com que todas saiam aprendendo algo a mais e se desenvolvendo no esporte de um modo comum a todas. Meninas de classes sociais privilegiadas economicamente muitas vezes por residirem em apartamentos sem espaço não possuem a destreza e agilidade nos aparelhos da Ginástica Rítmica como as de classe empobrecida. Por outro lado, as meninas empobrecidas vão aprendendo a possuir feminilidade, de se portar com mais delicadeza e mais vaidade como as de classe mais abastadas.

Essa rede de informações, diz Elias (1994), que as pessoas desempenham uma em relação às outras, nada mais do que chamamos de “sociedade”, e ela representa um tipo especial de esfera.

Para Elias (1994, p. 25): “a relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular, não encontra analogias em nenhuma outra esfera da existência”.

Apesar disso, a experiência adquirida observando-se a relação entre partes e todo em outras esferas pode, até certo ponto, ajudar-nos nesse aspecto, afrouxando e ampliando os hábitos mentais, pois não se compreende uma melodia examinando cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais.

Esse e muitos outros fenômenos têm uma coisa em comum, por mais diferentes que sejam em todos os outros aspectos: para compreendê-los, é necessário desistir de pensarmos em termos isolados e começar a pensar em termos de relações e funções, assim nosso pensamento ficará plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social.

Elias (1994) afirma que os indivíduos amigos ou inimigos, pais ou filhos, marido e mulher, rei e súdito, diretor e empregados, atleta e técnico, o modo como

os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas. Ainda que eles se afastem de todas as outras pessoas os gestos serão sempre executados como gestos relacionados com os outros. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. E para simbolizar a própria auto-imagem, precisamos de um mito de origem, um mito ou sonhos que guiem todos os nossos passos e direções, o esporte é um desses mitos.

O que molda e compromete o indivíduo dentro do cosmos humano, e lhe oferece todo alcance de sua vida não são os reflexos de sua vida animal, mas a vinculação entre seus desejos e comportamento e o das outras pessoas, dos vivos, dos mortos, e até em certo sentido, dos que ainda não nasceram em suma a sua dependência que os outros têm dele, as funções dos outros para ele e suas funções para os outros e essa dependência ocorre muitas vezes e habitualmente no esporte coletivo. Essa dependência nunca se deve exclusivamente a seus instintos ao que se chama pensamento. Do mesmo modo tensões específicas entre grupos diferentes, geradoras de um impulso em direção a mudanças estruturais ao ser humano transformam-se numa continuidade histórica. Nelas até mesmo em sua gênese, embora em graus variáveis, sempre estão implicados os impulsos emocionais a curto prazo e os impulsos “superegoicos” ao longo prazo. ELIAS (1994, p.43)

Essas tensões nunca emergiriam sem forças propulsoras elementares como a fome; mas tampouco surgiriam sem impulsos de prazo mais longo como os que se expressam no desejo de propriedade, segurança, posição social, poder sobre os demais. A monopolização dos bens e valores que satisfazem essas múltiplas demandas instintivas, como as formas de desejo como a fome elementar, cresce em

importância para as tensões sociais na mesma medida em que avança a diferenciação das funções sociais em que o padrão de vida normal de uma sociedade se eleva acima da satisfação das necessidades alimentares e sexuais mais elementares.

Evidentemente, a situação básica continua bastante simples, diz Elias (1994) por complexa que seja a estrutura das funções sociais e, portanto, por complexas que possam se tornar até nas sociedades mais simples de que temos conhecimento existe alguma forma de divisão das funções entre as pessoas.

Quanto mais essa divisão avança numa sociedade, e maior é o intercâmbio entre as pessoas, mais ainda elas são ligadas pelo fato de cada uma só poder sustentar sua vida e sua existência social em conjunto com muitas outras.

A essa situação, Nunes Filho (1994) descreve a sociedade como sendo a mais evidente construção da cultura dos povos. Ela surge, com a crescente necessidade de se estabelecerem estratégias coletivas de sobrevivência.

Graças a essa construção as formas de relação e de instituição da sociedade não se reproduzem da mesma forma de uma geração para outra, algumas formas de vida em comum tendem constantemente a se mover em determinada direção, rumo a transformações específicas, sem que nenhuma força impulsionadora externa esteja implicada (ELIAS, 1994).

Em cada grupo social ocorrem mudanças de acordo com a necessidade desse grupo, durante séculos o céu permaneceu mais ou menos o mesmo para todos, tal como aconteceu com a natureza orgânica do homem e com a estrutura geológica da Terra. A única coisa que mudou e se deslocou numa direção específica, foi à forma da vida comunitária.

Quando pessoas ou grupos em livre concorrência entram em conflito, sem dúvida trabalham por uma redução da esfera de uma competição visando uma situação de monopólio. O desfecho disso poderá depender em ampla medida de dons instintivos, da energia pessoal e da inteligência de um ou mais indivíduos dentro dos grupos rivais, criando até alianças com grupos menores ou mais enfraquecidos para se somarem forças. (MARCHI JR, 2004).

Para Marchi Jr (2004), toda sociedade grande e complexa tem, na verdade, as duas qualidades: é muito firme e muito elástica, em seu interior, constantemente se abre um espaço para as decisões individuais e apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. Muitas vezes aparecem encruzilhadas em que as pessoas têm que fazer escolhas, e de suas escolhas, conforme sua posição social pode depender seu destino imediato, ou de uma família inteira, ou ainda, em certas situações, de grupos dentro delas, mas oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas criadas por essa pessoa.

Ainda para Marchi Jr (2004), são prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela e seja qual for a oportunidade que ela aproveite seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras seqüências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e das estruturas das tensões em toda essa rede humana móvel.

Recorrendo mais uma vez a Elias (1994, p. 48): “nenhuma pessoa isolada, por maior e mais poderosa que seja sua posição na sociedade, por mais penetrante que seja sua inteligência, consegue transgredir as leis autônomas da rede humana da qual provém seus atos, e para qual eles são dirigidos”. Uma pessoa não pode

transformar sua sociedade de um só golpe, não pode por um ato de vontade promover a divisão de trabalho.

Elias (1994) ainda afirma que a influência de uma pessoa sobre outras, sua importância para elas, pode ser especialmente grande, mas a autonomia da rede em que ela atua é incomparavelmente mais forte. Algumas vezes no projeto estudado mães de poder aquisitivo mais favorecido, tentaram por em risco o desenvolvimento desse trabalho, por acreditarem talvez que o dinheiro poderia comprar o talento.

A crença no poder ilimitado de indivíduos isolados, sobre o curso da história constitui um raciocínio fantasioso, pois ao contrário disso, todas as pessoas têm igual importância no curso da história, sendo assim intercambiáveis, não passando o indivíduo de um veículo passivo da máquina social. A atividade individual de alguns infelizmente é a limitação social de outros. E só depende do poder das funções interdependentes em questão, do grau de dependência recíproca, saber quem será mais capaz de limitar quem através de sua atividade.

Para Elias (1994) ainda, apenas mediante uma alteração na estrutura das relações interpessoais, uma estruturação diferente das individuais, ou seja, os interesses próprios seriam possíveis estabelecer uma harmonia melhor entre as pressões e exigências sociais, de um lado, e as necessidades individuais, o desejo de justificação, sentido e realização das pessoas, de outro. Nunes Filho (1994, p. 83), assim descreve o individualismo:

O individualismo é um comportamento tipificado pelo liberalismo econômico, ao que conhecemos hoje como sociedade burguesa. (...) Sua idéia fundamental é a de que, para se chegar a uma situação em que todos possam se beneficiar dos recursos disponíveis é necessário deixar as atividades econômicas se desenvolverem sem

qualquer restrição, ou seja, entregues à lei da oferta e da procura. Criam-se as práticas comerciais que direcionam o homem para uma forma de comportamento social, onde as pessoas passam a ser vistas como competidor, de quem precisamos nos defender, e a quem temos que enfrentar e vencer.

Mas todos esses instrumentos e instituições, apesar de incorporados aos objetivos de curto prazo, de muitas pessoas e grupos isolados, tendem sempre, ao mesmo tempo para uma única direção que nenhuma pessoa ou grupo, isoladamente, desejou ou planejou. (ELIAS, 1994).

A partir da visão configuracional de Norbert Elias, o tema aqui analisado foi o projeto “Criança na Quadra”, desenvolvido na Associação Curitibana de Ginástica Rítmica. Nesse projeto meninas de sete a dez anos das comunidades carentes do Município de Curitiba, foram introduzidas nas escolinhas da modalidade esportiva de base e assim oportunizando que tais crianças juntamente com outras tantas de classe social mais abastada, pudessem conhecer, aprender e treinar a modalidade lá desenvolvida.

A tendência ao equilíbrio de poder, constitui-se em elemento integral de todas as relações humanas apresentando-se de maneira bipolar ou multipolar, além de estar sempre presente onde esteja ocorrendo uma interdependência funcional entre pessoas (MARCHI JR, 2004).

Para Marchi Jr (2004) os modelos de relações sociais ajudam a mostrar como os problemas sociológicos se tornam mais claros e como é mais fácil lidar com eles se os reorganizarmos em termos de equilíbrio. Conceitos de equilíbrio são muito mais adequados ao que pode ser realmente observado quando se investigam as relações sociais funcionais que os seres humanos interdependentes mantêm uns com os outros.

É apropriado dizer que Marchi Jr (2004), criou um modelo de análise para evidenciar os níveis de poder estruturais e dinâmicos existentes nos padrões mutáveis de interdependências estabelecidas nas configurações sociais existentes na teoria de Norbert Elias.

Segundo Marchi Jr (2004) o primeiro modelo de relação social identificado na análise de Elias é chamado de **Relações sociais primárias e sem regras**.

Esta relação representa uma situação humana básica, a qual encontra sempre que os indivíduos se relacionam uns com os outros. É um elemento constitutivo normal de todas as relações humanas e, invariavelmente, associa-se a provas de medição de forças, fato, que nas sociedades primitivas aconteciam nos confrontos pela sobrevivência. Ainda nos dias de hoje encontramos essa relação social nas ações dos seres humanos que geram uma coação violenta com o outro. A competição primária apresenta-se como um caso de fronteira. Nela, um dos lados tem como fim privar o outro, não só das suas funções sociais como também da sua própria vida, assim como lembramos na música do grupo Titãs: *“Homem primata, capitalismo selvagem”*.

O próximo modelo de relação social segundo Marchi Jr (2004) é o das **Relações sociais de interpenetração com normas** e suas subdivisões. Essa relação demonstra como as teias de relações humanas mudam conforme a distribuição de poder. São os casos entre instituições ou organizações com regras, onde o potencial de poder determina o controle.

Na primeira encontramos a **Relação social entre duas pessoas**. Segundo Marchi Jr (2004) o fator determinante nesse tipo de configuração mutável é a proporção de poder existente entre os componentes. Essa relação qualifica o controle exercido por determinada pessoa e, também, como decorre o curso da

história, ou seja, quem tem mais poder dita as regras. No caso desta pesquisa a relação entre técnica da Ginástica Rítmica e ginasta

Outra forma de relação social para Marchi Jr (2004) é a **Relação social de muitas pessoas a um só nível**. Trata-se de um limitado número de relações independentes que uma pessoa pode realizar simultaneamente. A ordem estabelecida na configuração é dada na perspectiva de que a ação de cada participante não é considerada como exclusiva de sua parte. Antes, deverá ser visualizada como a continuação do processo de interpenetração da ação realizada anteriormente, a qual lhe auxilia na ação futura. Na modalidade da Ginástica Rítmica e nesta pesquisa encontramos essa relação quando várias meninas de uma mesma condição de atleta, “lutam” por uma vaga na equipe principal ou pode também ser encontrada neste trabalho no exercício denominado “colaboração” de um conjunto de Ginástica Rítmica, onde todas as ginastas para realizá-lo necessitam do auxílio das outras ao mesmo tempo.

Seguindo, temos com Marchi Jr (2004) as **Relações sociais multipessoais a vários níveis**. É uma configuração que se estabelece entre pessoas interdependentes e as estruturas para cada uma das atitudes individuais. Existe um limite para a expansão da teia de interdependências, pela qual o indivíduo pode orientar adequadamente seu planejamento e estratégia para uma série de atitudes positivas. Com o acréscimo de pessoas na configuração, torna-se cada vez mais a execução de estratégias adequadas e pensadas a partir da posição individual estabelecida na totalidade. Dessa maneira, o desenvolver das interdependências funcionais demonstrará a impossibilidade de compreensão e controle da situação.

Essa relação pode ser encontrada aqui em nosso trabalho, por alguma insatisfação, várias ginastas se unem para queixar-se de uma outra atleta, mas de um modo positivo, onde o fazem para a melhoria da equipe.

O subsequente, para Marchi Jr (2004), são as **Relações sociais de dois níveis do tipo oligárquico**. Essa abordagem pode decorrer da pressão exercida por conta do aumento no número de atletas individuais na configuração. A desintegração pode formar dois níveis de indivíduos que se mantêm interdependentes, mas já não atuam diretamente uns contra os outros. Somente no nível secundário é que se estabelece o confronto com os adversários. Tal configuração exprime um grau de complexidade que inviabiliza o indivíduo a orientar sua decisão por conta da superioridade ou da manifestação dos seus desejos e interesses. As ações são concretizadas tanto para fora como para dentro da teia de interdependência. Percebemos aqui a formação e a existência de alianças, rivalidades nos diferentes níveis de interpenetração.

No caso desta pesquisa entre ginastas com o potencial de poder, onde ocorrem as alianças e rivalidades nos diferentes níveis de ações da teia. Nesta pesquisa este tipo de competição observada na disputa entre mães de ginastas para as vagas de suas filhas num conjunto de Ginástica Rítmica.

Finalmente, temos segundo Marchi Jr (2004) a **Relação social de níveis do tipo democrática crescentemente simplificada**. O modelo é evidenciado pela aproximação dos indivíduos das camadas inferiores, que efetivam o crescimento do seu potencial. Esse traço pode ser detectado a partir da vigilância e da rede de precaução tecida pelo nível mais elevado na busca da manutenção do controle. O crescimento desse potencial de poder é determinado pela conquista, aqui em nosso

trabalho encontrado quando uma ginasta conquista através de seus esforços um lugar como titular em sua equipe.

Para o projeto aqui estudado, a idade escolhida entre sete e dez anos, se deve ao fato de alguns estudos apresentar ser esta a mais apropriada para se começar um trabalho em nível desportivo.

Buscando em Gallahue e Ozmun (2003, p. 242) o entendimento dessa fase, verificamos que embora ela seja marcada pelo crescimento físico gradual, as crianças possuem rápidos ganhos, apresentando níveis crescentes e maduros no desempenho esportivo. São mais conscientes do que lhes cerca, empregando uma ou mais de suas modalidades sensoriais, que na infância, tornam-se crescentemente refinadas. O aparato sensório-motor está trabalhando constantemente em harmonia, de modo que, no final desse período, a criança possa desempenhar numerosas habilidades sofisticadas.

Recuperar lançamentos dos aparelhos da Ginástica Rítmica, por exemplo, é um ato que se aperfeiçoa com a idade e com a prática, em função da melhora que ocorre na precisão visual, nas habilidades de acompanhamento, no tempo de reação e de movimento e na integração sensório-motora.

A prática das habilidades perspectivas em maturação vai melhorar o processo de integração destas com as estruturas motoras. Se não tiverem oportunidade para a prática, instrução e encorajamento, nesse período, muitos indivíduos não vão poder adquirir as informações motoras e perspectivas necessárias para esse esporte tão complexo como é a Ginástica Rítmica.

A Ginástica Rítmica afirma Lafranchi (2002), é um esporte onde a criatividade é necessária nas competições, pois é um dos quesitos de avaliação. Se desde a

fase de iniciação nas escolinhas de base for estimulada, essas crianças como atletas poderão obter bons resultados.

“Grandes equipes são resultantes muitas vezes de grande integração entre técnico e atletas na questão afetiva, pois isto é uma característica da fase da criança” (GALLAHUE E OZMAN 2003, p. 245).

Segundo Crusius (2003) a integração da criança é responsabilidade compartilhada entre o Estado (União, Estado e município), a sociedade e as famílias, sendo que a cada um desses atores sociais cabe responsabilidades e competências diferentes na formulação, no direcionamento e na execução das políticas da infância. “As relações sociais entre as crianças acontecem dentro e fora de casa” (DEL PRIORE, 2000 p. 330).

O modelo histórico-cultural, segundo Del Priori (2000), ao conceber o ser humano como “um conjunto das relações sociais internalizadas” instaura uma nova concepção do processo de desenvolvimento e aprendizagem, visto como uma construção social.

Para maiores entendimentos, vejamos como se desenvolvem as crianças integradas nas sociedades onde estão inseridas.

Segundo Elkin (1968, p.14) a socialização pode ser definida como:

O processo pelo qual alguém aprende os modos duma determinada sociedade ou grupo social afim de que se possa funcionar dentro dele. A socialização inclui tanto a aprendizagem quanto à apreensão de padrões,

valores e sentimentos próprios da sociedade. (...) a criança acaba tornando-se um ser humano adulto, que aprendeu os modos da sociedade em funcionamento.

Relata Aguiar que (1994), a transmissão do conhecimento de uma geração a outra é garantida pela participação da família das crianças na vida dos adultos, na maioria das sociedades. Em suma, em toda a parte onde se trabalha e também em toda parte onde se joga e se brinca, as crianças se misturam com os adultos. Dessa maneira elas aprendem a viver, através do contato de cada dia.

As crianças de comunidades menos abastadas economicamente, mesmo vivendo sob o ritmo dos afazeres dos adultos, para Aguiar (1994) não são criadas sob a vigia constantes de sua família. Muitas vezes brincam soltas, distanciando-se de suas casas, diferentemente de crianças de padrões sociais economicamente diferentes, que mesmo quando longe de sua família estão próximas de outro adulto.

A criança compreendida para Ariès (1981), como um ser frágil e inocente (idéia romântica da infância) e ao mesmo tempo imperfeito e irracional, cabe à educação transformar estes seres em homens inteligentes e educados. Apesar de reconhecida como uma fase específica, a infância torna-se uma fase passageira.

Ao ingressarem na escola afirma Aguiar (1994) essa, não é a única prática educativa e o professor não é o único praticante. A educação existe nas várias sociedades, como família, vizinhos, colegas, letrados e iletrados, nas zonas rurais e urbanas, em sociedades com e sem divisão de classes, com e sem Estado. Ela existe em e entre cada povo. “A educação pode existir livre e entre todos, pode ser

uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como o saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como o trabalho ou como vida” (AGUIAR 1994, p. 63).

Para Aguiar (1994), a educação é meio de integração, mas também pode ser imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre do saber na divisão dos bens, dos trabalhos, dos direitos e dos símbolos.

Muitas vezes relata ainda o mesmo autor (1994), a educação é difusa entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender criada e recriada entre tantas outras invenções as cultura. São nas formas de educação que grupos sociais produzem e praticam para que elas reproduzam, entre todos que ensinam e aprendem o saber que atravessa as palavras da sociedade e integram suas crianças nessa mesma sociedade.

“Em qualquer sociedade, a educação existe no imaginário das pessoas e sempre se espera que sua missão seja transformá-las num ser humano melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros”. (AGUIAR, 1994 p. 64).

Sem julgar o modelo de socialização existente nas diferentes classes sociais, o importante é não confundir, por exemplo, a maneira de educar da classe popular com falta de amor e afeto, nem considerar como ideal o modo da classe média lidar com as crianças. Segundo Elkin (1968) fatores de risco de comprometimento do desenvolvimento cultural da criança podem ser observados sempre que ela ficar impedida ou prejudicada de interagir de forma adequada com seu grupo social.

Elkin (1968) diz que: “ao nascer cada indivíduo pode ser muito diferente, conforme sua constituição natural, mas é apenas na sociedade que a criança

pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciadas, se transforma num ser mais complexo”. Somente na relação com os outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa desenvolvida que tem caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto.

Outro fator importante para Elkin (1968) no desenvolvimento da vida de uma criança é o meio ambiente que no momento da concepção se modifica e interage com a hereditariedade para a formação dessa criança, além de que é difícil, se não impossível avaliar a contribuição relativa da hereditariedade e do meio ambiente. Mais tarde aos quatro ou cinco anos de idade, a criança passa a atuar em outros grupos, adquirindo consciência de comunidade. Este período coincide com a idade em que muitas crianças passam a freqüentar a escola. Esta tem papel importante para o processo de integração, uma vez que a escola é quem formaliza as regras já estabelecidas. (ELKIN, 1968 p.77).

Nem sempre a infância mereceu o lugar de destaque que tem hoje na nossa sociedade. Ariès (1981) nos revela que o sentimento de infância é uma construção social, invenção de uma nova forma de organização da sociedade e de uma nova mentalidade que passa a ver a criança como alguém que precisa ser cuidada, educada e preparada para a vida futura.

Segundo Ariès (1981) o conceito de infância começa a surgir no final do século XVII, consolidando-se no final do século XVIII. Antes disso, a criança era ignorada pela sociedade dos adultos, não havendo nenhuma atenção ou cuidados específicos para com ela, sentimento que se revelava nas altas taxas de mortalidade infantil, na naturalização desse fenômeno pela sociedade e na indiferença entre

crianças e adultos, a exemplo das vestimentas e atividades comuns a todos: trabalho, festas, jogos... O novo sentimento de infância passa a ver a criança como o futuro da nação.

A construção de projetos de integração social, educativos e saudáveis com base em uma bem formulada pedagogia social pode significar um passo importante na direção do progresso e da integração social da nação proposta nesse trabalho. (OLIVEIRA, 2004).

Como dito anteriormente a idade das crianças iniciarem o treinamento é dos sete aos dez anos. Corrêa (2002) afirma que em se tratando de crianças em idade escolar, percebe-se que um dos modos que estas internalizam as normas e valores da sociedade, seria por meio do esporte que constitui um comportamento adaptativo, através do qual a criança aprende habilidades necessárias para ser um elemento do grupo social.

Ainda em Corrêa (2002) o esporte reflete a realidade, permitindo a aquisição de normas sociais, conhecimentos e fornecendo pretextos para a solução de problemas. A importância de se estar notando o papel do esporte, seria o de que a criança adquira consciência de regras. Essa é um componente importante da competência social. A falta dessa ocasiona na criança dificuldades de relacionamento interpessoal.

Finalmente em Corrêa (2002), nota-se que a utilização do esporte, com uma concepção pedagógica, seria um meio de descoberta pessoal e social, favorecendo a aprendizagem e regulação de relações com o mundo físico e social.

Assim também como faz a Associação Curitibana da Ginástica Rítmica e seu projeto social, integrando crianças de diferentes classes sociais nas aulas e treinamentos da Ginástica Rítmica.

No próximo capítulo, analisaremos o desenvolvimento do esporte, mais especificamente da Ginástica Rítmica integrando crianças na sociedade.

CAPÍTULO 2

O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE E DA GINÁSTICA RÍTMICA INTEGRANDO CRIANÇAS NA SOCIEDADE

Como encontramos em Assis (2001) a respeito da pergunta “o que é o esporte?” Não requer apenas uma definição, no sentido acadêmico de explicação precisa ou significação. Se fosse assim, seria muito fácil, bastava procurar num dicionário, numa enciclopédia ou em livros técnicos. Mas para encontrarmos e retratarmos o surgimento do esporte, não interessa a definição e sim a compreensão explicativa. “Um enredo capaz de dizer, não como é, mas como foi como pode vir a ser” (ASSIS, 2001 p.71).

Assis (2001) complementa que até a década de 1960, o esporte aparece na literatura como dimensão do mundo privado, do espaço apolítico da vida. Os estudos sociológicos do fenômeno esportivo são esporádicos e assistemáticos, quadro que se modifica no final daquela década e, principalmente, durante a década de 1970: “para o esporte moderno, não se deve considerá-lo como resultado de um processo linear de desenvolvimento, tampouco como uma instituição completamente autônoma” (ASSIS, 2001 p. 73).

Elias (1993) afirma que não se pode traçar a origem e o desenvolvimento do esporte se ele for encarado, à maneira de alguns especialistas, como se fosse uma instituição social do nosso tempo, que se constitui em completa autonomia e independentemente de outros aspectos do desenvolvimento da sociedade.

O esporte moderno, oriundo da burguesia inglesa do século XIX, o qual a especialização, a busca de rendimento e a mercantilização, dentre outros aspectos,

aparecem atualmente, como sendo suas marcas principais, transforma-se a cada dia que passa pela sua abrangência e relações em um fenômeno transnacional, que envolve diferentes classes, raças e crenças, despertando paixões e emoções diversas (ASSIS, 2001).

Segundo Assis (2001, p. 75) alguns pontos consensuais são verificados nos diversos textos que versam sobre o surgimento do esporte moderno:

- O esporte moderno surge na Inglaterra a partir do século XVIII;
- Surge da transformação de alguns jogos populares;
- As *public schools* têm um papel fundamental nesse processo, e
- Da Inglaterra, o esporte se espalha por todo o mundo e torna-se a principal expressão da cultura corporal e das ocupações de lazer.

“O esporte leva a marca de suas origens” afirma Bourdieu (1993, p. 61). O desenvolvimento do esporte nos ajuda a crer e perceber a ideologia aristocrática em modalidades de elite como equitação, tênis e golfe, para o interesse dos gananciosos aristocratas que utilizavam, tais praticas para encontros eletivos.

Podemos também considerar que as ganâncias aumentam quando distinguimos esporte de elite ou elegantes de praticas populares como o futebol.

A probabilidade de se praticar um esporte, para Bourdieu (1993), além da adolescência diminuía consideravelmente ao diminuir a hierarquia social. Nos esportes populares que encontrávamos as classes sociais médias e baixas, como ainda nos dias atuais. Afirma ainda que nessa transformação do esporte acima citado os exercícios corporais da elite são separados das ocasiões e funções sociais, às quais os jogos estavam associados (festas agrárias, religiosas entre outras).

Para orientar a sua reflexão Elias (1993) começa questionando por que esses passatempos emergem primeiro na Inglaterra e quais as condições da sociedade Inglesa que justificam o progresso do esporte. Toda a sua explicação fundamenta-se no modelo oferecido pela teoria do processo da civilização, na qual se espera que, em diferentes estágios de desenvolvimento das sociedades, alguns aspectos assumam contornos específicos, tais como formação do Estado, da consciência, nível de violência física e o limiar de repugnância contra a violência.

A essas considerações de Bourdieu, Assis (2001) coloca que existem diferentes conceitos e entendimentos sobre o esporte, e que esses determinam o seu caráter de utilização em diferentes estruturas sociais, pois o esporte, assim como outra esfera social, tais como a educação, a saúde, a comunicação e outras, não possui poderes mágicos para existir independentemente das relações entre os sujeitos, que as tornam reais, concretas e objetivas.

Para Assis (2001, p. 80), o esporte é sempre uma luta num quadro imaginário e argumenta que sua função partilha com outras ocupações de lazer, é “controlar uma agradável ausência de controle de sentimentos”. A prova de maturidade de um esporte está relacionada à sua possibilidade de combinar a redução de riscos com a manutenção de um prazer desencadeado pelo excitamento da oposição.

Ainda para Assis (2001) diferença do esporte em relação à maior das atividades de lazer está no aspecto da luta direta ou indireta entre seres humanos. Um exemplo interessante é o da pintura, nela também há a representação de situações da vida real como uma guerra, um massacre, uma tragédia, evocando tensões e excitamento.

Portanto, o primeiro passo para compreender o esporte em uma dimensão multifacetada, é pensá-lo como algo real, que sofre influência do meio externo e das pessoas que o praticam. O segundo passo é compreendê-lo de forma ampla, não o restringindo a sua dimensão social.

O esporte para Couto (2001) como fenômeno social é um dos meios mais importantes e eficientes de retirar crianças das ruas, das drogas, da criminalidade e de prevenir doenças e já não se caracteriza como uma grande novidade nas últimas décadas. Vivemos hoje numa sociedade contemporânea a qual se pauta por novos valores sociais, dentre os quais o corpo assumiu um papel de grande destaque, através de sua exploração pela mídia. Partindo desta constatação a valorização dos esportes está no auge, diante das suas várias manifestações, ou seja, de rendimento, de reabilitação, de lazer, de espetáculo e escolar.

O esporte de rendimento baseia-se exclusivamente na obtenção de melhores resultados. O esporte de reabilitação direciona-se às pessoas deficientes ou com alguma seqüela de acidente. O esporte de lazer é dedicado à prática da atividade física, como promoção da saúde. O esporte de espetáculo traduz a beleza de agregação do esporte, levar milhares de pessoas aos campos, estádios ou ginásios. O esporte escolar está diretamente relacionado aos conteúdos da Educação Física, que hoje é tratada no ambiente escolar como as outras disciplinas fazendo parte da estrutura curricular do ensino.

Ainda para Couto (2001), o esporte deve ser um mecanismo de inclusão, por intermédio de jogos esportivos, cooperativos, brincadeiras, dentre outros, para que possam ser desenvolvidos os saberes pessoais, cognitivos e sociais das crianças e

adolescentes, respeitando sua individualidade e particularidades do desenvolvimento motor e aprendizagem motora.

Diante de tantos questionamentos, a partir da regulamentação da profissão de Educação Física, datada de 1998, o Conselho Federal de Educação Física - CONFEF, através da resolução no 046/2002, dispôs a intervenção do Profissional de Educação Física, documento, o qual trata também de algumas conceituações da terminologia utilizada atualmente pelos conselhos sobre o esporte:

Atividade competitiva, institucionalizada, realizado conforme técnicas, habilidades e objetivos definidos pelas modalidades desportivas, determinado por regras preestabelecidas lhe dá forma, significado e identidade, podendo também, ser praticado com liberdade e finalidade lúdica estabelecida por seus praticantes, realizado em ambiente diferenciado, inclusive na natureza (jogos: da natureza, radicais, orientação, aventura e outros).

A atividade esportiva aplica-se, ainda, na promoção da saúde e em âmbito educacional acordo com diagnóstico e/ou conhecimento especializado, em complementação a interesses voluntários e/ ou organização comunitária de indivíduos e grupos não especializados.

Seguindo a linha conceitual de esporte citada, que se baseia na concepção sustentadora da educação pelo esporte através da criação de possibilidades ao educando à prática desportiva, adequada às suas possibilidades maturacionais e atrelada ao seu desenvolvimento.

Entendemos o esporte de uma maneira mais ampla, ou seja, temos como meta Identificar o esporte como ação inerente do ser humano, o qual o utiliza no dia a dia, sejam nas atividades informais como caminhar, correr, brincar entre outras, sejam nas atividades formais, intituladas aulas de Educação Física, ou nos

treinamentos de alto rendimento nas diversas modalidades esportivas como: futebol, vôlei, basquete e também a Ginástica Rítmica dentre outras.

Toda a manifestação do ser humano em valorização do seu corpo, partindo desta concepção concordamos com Garcia (2001), quando diz que: “esporte é tudo aquilo que em cada momento se considera esporte. Esporte, por isto, é uma estrutura de sentido proporcionado pela cultura que atribui determinados significados aos diferentes movimentos humanos, numa clara inter-relação entre os planos individual e social”.

Para a Ginástica Rítmica hoje considerada um esporte olímpico, Gaio (2006 p. 13) afirma que “a origem da Ginástica se confunde com a origem da Educação Física”. Podemos dividir a Ginástica em dois tipos: a Ginástica competitiva e Ginástica não competitiva. Dessa divisão segundo Gaio (2006, p. 13), podemos mergulhar no universo dos movimentos gímnicos, seja pela Federação Internacional de Ginástica conhecendo as Ginásticas consideradas esporte, ou pelo canal das atividades gímnicas pedagógicas, terapêuticas, corretivas, de condicionamento, de apresentação, de lazer, entre outros objetivos e interesses que possamos encontrar a partir da experiência em ginástica não competitiva.

Dividida em duas categorias, individual (uma só ginasta em quadra) e conjunto (cinco ginastas em quadra), a Ginástica Rítmica, começou a conquistar espaços no cenário internacional a partir de meados do século XX, tendo a busca da melhor forma de executar seus movimentos precisos e de como avaliar estes movimentos como preocupações constantes entre estudiosos e apaixonados por este esporte (LAFFRANCHI, 2001).

A Ginástica Rítmica é um esporte essencialmente feminino, segundo a Federação Internacional de Ginástica (FIG), que se fundamenta na expressividade artística. É conceituada como a busca do belo, uma explosão de talento e criatividade, em que a expressão corporal e o virtuosismo técnico se desenvolvem juntos, formando um conjunto harmonioso de movimento entre o corpo e os aparelhos: corda, arco, bola, maçãs e fita (LAFFRANCHI, 2001).

Para a compreensão satisfatória sobre este esporte é necessário recapitular sua origem e seu processo evolutivo da Ginástica Rítmica, como modalidade esportiva no mundo e no Brasil.

Segundo Gaio (1996), a modalidade de Ginástica Rítmica, nasceu em meados do século XX, na Europa Central e recebeu muitas contribuições para o seu desenvolvimento, através da influencia dos mestres, de pelo menos quatro correntes: Dança, Arte Cênica, Música e Pedagogia.

Dentre estas correntes, muitos foram os mestres que contribuíram com seus estudos diferenciados para a criação de uma modalidade totalmente inovadora, em que os movimentos rítmicos eram mais fluentes e dinâmicos diferenciando-os dos movimentos masculinos onde havia o predomínio da força.

Para Gaio (1996) a corrente da dança é muito significativa para o surgimento da Ginástica Rítmica, principalmente, porque absorveram a influência de muitos estudiosos, revolucionários do movimento humano em uma época em que o clássico era predominante. Entre estes estudiosos estão Isadora Duncan, a Bailarina dos Pés Descalços, como ficou conhecida, Rudolf Van Laban com suas técnicas corporais inovadoras e também Mary Wigmann que caracterizou seus estudos através dos movimentos mais elaborados.

Bodo-Schmid (1985), afirma que através das experiências do corpo, Duncan, a famosa bailarina, concluiu que todos os exercícios tinham como base o correr, o saltar, o brincar, ou seja, todos movimentos naturais, o que revolucionou os métodos convencionais e artificiais da dança clássica. Assim, através de suas idéias que poeticamente dizia que procurava imitar o movimento de vai e vem das ondas do mar em sua dança, desenvolvia-se tanto a dança moderna e natural, quanto os princípios norteadores da Ginástica Rítmica.

Gaio, (1996) ainda afirma que um grande estudioso da dança foi Rudolf Van Laban (1879-1958), seus gestos expressivos ofereciam uma total liberação da alma e do corpo ao mesmo tempo em que considerava diversos aspectos do movimento como o tempo, a força, o espaço e a fluência. Seus movimentos eram utilizados de forma espontânea com o objetivo de atingir um resultado em que corpo e espírito não se dissociassem.

Ainda para Bodo-Schmid (1985), aluno de Laban, relata que o professor alemão de dança foi o pioneiro da “dança absoluta”, chegando a ponto de prescindir do acompanhamento musical. Inventou um sistema de escritura dos movimentos para que os bailarinos pudessem compreender os aspectos rítmicos dos movimentos.

Seu trabalho foi principalmente dirigido para a educação através da dança, e em suas pesquisas, além de buscar a vivência consciente dos movimentos naturais, estudou também como esta fluência do movimento pode auxiliar a pessoa a lidar com determinados implementos.

Da necessidade de dançar nasceu a música, ou se preferirmos apenas os ritmos percussivos. O século XIX caracterizou-se pelo predomínio da expressão

sobre a forma e também pela preocupação de descrever tensões e estados emocionais.

Gaio (1996) relata que professor suíço Jacques Dalcroze de harmonia do Conservatório de Música de Genebra, criou exercícios variados para desenvolver a sensibilidade musical dos estudantes através dos movimentos naturais do corpo, um sistema muscular e musical que facilitava aos alunos a aprendizagem dos diversos ritmos musicais.

Em 1911, na Alemanha, abriu a primeira escola para professores de Rítmica e mais tarde uma outra escola em Genebra - Suíça. Observa-se que muitos conhecimentos da Ginástica Rítmica foram fortemente influenciados por este método.

Aversani (2004), relata que o alemão Rudolf Bode professor de música e diplomado pelo Instituto de Rítmica Dalcroze, tornou-se pioneiro na Educação Rítmica, através de sua criatividade e expressividade, nos trabalhos da dança e da ginástica. Suas idéias compartilhavam com as idéias de Dalcroze de que ritmo e música são indissociáveis.

Para Bode, o movimento humano tem seu ritmo próprio e o encontramos no ritmo natural e integral, ou seja, na pulsação e na respiração, fases de contração e relaxamento também chamados por alguns autores de acento e pausa. A grande intenção do professor suíço era de que se utilizasse todo o corpo para o desenvolvimento da movimentação rítmica, sem esquecer do espírito, da alma, ou seja, o movimento do corpo como um todo.

Ainda em Aversani (2004), Bode marcou a Ginástica Rítmica pela utilização dos aparelhos: bastões, bola, medicine ball e tamborim. Ele os considerava como complemento dos movimentos a mãos-livres e não como substitutos, o sistema

criado por Bode buscava mostrar através dos movimentos o estado emocional do indivíduo, e quando este método aliou-se à música, ao movimento feminino mais a utilização de instrumentos, surgiu o que mais tarde se chamou de Ginástica Moderna, atualmente conhecida como Ginástica Rítmica.

Para Gaio (1996), foi quem introduziu o trabalho com os aparelhos bola, arco e maças, característica predominante nas competições de Ginástica Rítmica até hoje foi Henrich Medau. Acreditava que se as ginastas se concentrassem no aparelho utilizado, seus movimentos seriam mais naturais. Tudo isso sem esquecer da música, fator importante para o desenvolvimento rítmico e a expressividade.

De acordo com Aversani (2004), Medau apenas não concordava com Bode quanto à utilização dos aparelhos, pois ele acreditava que o aparelho servia como aperfeiçoamento do movimento, sendo o mesmo desnecessário quando a técnica perfeita fosse adquirida.

Ainda em Gaio (1996) dentro das vertentes da arte, as artes cênicas têm importante papel no surgimento da Ginástica Rítmica. Onde François Delsarte (1811-1971) foi o introdutor dos exercícios ginásticos com conteúdos emocionais ao criar um sistema que distinguia três partes fundamentais: física, espiritual e mental, respectivamente correspondendo às pernas, troncos e braços, cabeça e pescoço.

O sistema Delsarte nunca pretendeu ser um sistema de ginástica, pois seu objetivo principal era o de ajudar os atores a serem expressivos em suas atuações em cena. Mas, no final de século XIX converteu-se em uma forma de ginástica feminina, pois contribuía ao favorecimento da graça e da segurança na execução dos movimentos, oportunizando novas qualidades aos mesmos como a beleza e o caráter expressivo.

Percebemos que todos estes estudiosos do ritmo e do movimento humano tiveram em comum a utilização dos movimentos naturais de forma fluente e não artificial, tomando por base a liberdade expressiva do corpo e a necessidade de transmitir através dos gestos a verdadeira intenção do movimento.

Sendo a Ginástica Rítmica uma modalidade ainda essencialmente feminina, importante se faz determinar, historicamente, a data em que as mulheres participaram pela primeira vez da maior manifestação do esporte mundial. O fato ocorreu em 1928 durante os Jogos Olímpicos de Amsterdam / Holanda em uma época que além do preconceito com o sexo feminino, também questões de amadorismo e profissionalismo eram muito discutidas, chegando a haver punições aos atletas que por ventura viessem a se denominar profissionais. Sabemos que devido à participação maior das mulheres no processo de produção que ocorreu no transcorrer do século XX, principalmente no mundo ocidental, as próprias conquistaram espaços anteriormente ocupados apenas pelos homens e passaram a refletir e opinar dentro de um processo histórico. Em 1948, a Ginástica feminina esteve presente oficialmente nos Jogos Olímpicos, não como desporto competitivo, mas com apresentações em conjunto que poderiam acontecer se o país estivesse participando das competições em Ginástica Olímpica (AVERSANI, 2004).

A Ginástica Rítmica surge como esporte na década de 30, segundo Hernandez e Bouza (1982), os primeiros eventos específicos da Ginástica Rítmica aconteceram na Europa, internamente em vários países, sendo que na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1949, na Bulgária em 1951, na Tchecoslováquia em 1953, na Áustria em 1954, na Alemanha em 1958 e por fim na Polônia em 1961 (AVERSANI, 2004).

No Brasil, segundo Gaio (1996) foi nessa época que a Ginástica Rítmica se tornou conhecida através de Cursos de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico realizados pelo Estado de São Paulo nos anos de 1953 e 1954, quando então foi convidada como ministrante a professora austríaca Margareth Frohlich. A professora Margareth, formada pelo Mozarteum de Salzburg, teve como assistente a professora Erica Saur do Rio de Janeiro que, interessada, deu continuidade aos seus estudos na Alemanha e direcionou seu trabalho para a área da educação, contribuindo muito para o curso de graduação em Educação Física.

Nesta mesma época, surge a principal divulgadora da Ginástica Rítmica, então chamada de Ginástica Moderna. No Brasil, a professora húngara Ilona Peuker, que desenvolveu seu trabalho na cidade do Rio de Janeiro e difundiu a Ginástica em todo o Brasil e, segundo Laffranchi (2001), foi seguida por professoras que até hoje desenvolvem trabalhos nesta área no Brasil, como Daisy Barros, Ingeborg Crause, Vera Miranda, Elisa Resende e Elisabeth Laffranchi, entre outras, que certamente fizeram parte dessa história.

Em 1955 segundo Aversani (2004), Ilona Peuker fundou o Grupo Unido de Ginastas, que ficou nacionalmente conhecido como GUG, formado por ginastas de elite selecionadas entre as melhores ginastas de sua escola no Rio de Janeiro. Durante 20 anos a professora Ilona participou com este grupo de diversos eventos estaduais, nacionais e internacionais como Campeonatos Mundiais e Gymnastradas, levando para o exterior pela primeira vez uma equipe de ginástica do Brasil em 1957 em Zágred / Iugoslávia durante a segunda versão da Gymnastrada, evento mundial da Ginástica Geral, agora realizado de quatro em quatro anos. Em 1975, por ocasião da VI Gimnastrada, em Berlim, a professora Ilona encerrou sua atividade como técnica e então, o GUG se dissolveu.

Segundo Gaio (1996) a Ginástica Rítmica tornou-se uma modalidade olímpica a partir de 1984 durante os Jogos Olímpicos de Los Angeles nos Estados Unidos. Período marcado pelos boicotes dos países comunistas, o que afastou desse evento países expressivos nesta modalidade esportiva, tais como, Bulgária, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Alemanha Oriental entre outros.

As competições aconteceram somente no individual e os aparelhos da competição foram o arco, a bola, as maçãs e a fita.

Em 1978, oficializou-se o órgão específico para dirigir a Ginástica Rítmica no Brasil, a Confederação Brasileira de Ginástica ou CBG, que de acordo com seu site oficial teve como primeiro presidente Siegfried Fischer. Até então a ginástica, de uma forma geral, era filiada à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e através dessa entidade o Brasil estava filiado à Federação Internacional de Ginástica.

A CBG atende todas as modalidades da ginástica, das quais quatro, estão oficialmente no programa Olímpico: Ginástica Rítmica, Ginástica Olímpica Feminina e Masculina e Trampolim. A CBG também está filiada a outras entidades importantes para a evolução da Ginástica, ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), à União Pan-americana de Ginástica (UPAG) e à Organização Desportiva da América do Sul (ODESUR).

É uma das responsabilidades da CBG promover o desenvolvimento desse esporte no Brasil e conseqüentemente trazer resultados expressivos para o nosso país em eventos como Jogos Pan-americanos, Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, bem como organizar os campeonatos nacionais e selecionar os melhores ginastas para compor as Seleções Nacionais das diversas modalidades gímnicas inscritas na entidade.

Comprovando a excelente fase em que a modalidade se encontra no país, uma vez que, a equipe brasileira de Ginástica Rítmica sagrou-se campeã Pan-americana, durante a competição da modalidade nos XXIII Jogos Pan Americanos em Winnipeg no Canadá, em 1999.

Esta foi uma conquista muito significativa para a Ginástica nacional, além de chegar ao mais alto degrau do podium a equipe brasileira também conquistou espaços na mídia divulgando esta modalidade esportiva aos quatro cantos do país, o que aumentou significativamente o número de crianças interessadas em praticar este esporte de norte a sul do país (LAFFRANCHI, 2001).

Os acontecimentos históricos acima citados, no contexto da Ginástica Rítmica trouxeram grande desenvolvimento técnico que ajudou a sua popularização.

Diversas práticas esportivas buscam o desenvolvimento da ludicidade, entendendo-a como elemento fundamental ao processo de ensino aprendizagem e também como forma de resgate da cidadania perdida diante das desigualdades sociais ou mesmo no sentido da inclusão social da parcela da população menos favorecida.

Para Werneck (1997, p. 66) a educação para todos se faz da convivência ampla com pessoas diferentes desde o início de nossas vidas sendo o alicerce da formação humana e social de um cidadão. Para esse estudo, isto se faz presente quando as crianças ao integrarem na equipe desportiva, começam a treinar antes mesmo de saber os nomes de suas colegas e de onde elas vêm, pois para o esporte assim como para seus professores, técnicos, atletas, enfim toda a configuração de equipe, o importante é exclusivamente o desenvolvimento da Ginástica Rítmica.

Em vista da Ginástica Rítmica no Brasil ser oferecida prioritariamente em clubes sociais e rede privada de ensino, o imaginário social constituído, nos remete

a um grupo no qual a maior parte de suas praticantes é composta de crianças e jovens de classe média e alta. Isso torna esse esporte seletista e elitizado, deixando de oportunizar crianças de baixa renda sem a oportunidade de conhecê-lo.

No estudo do presente trabalho, na cidade de Curitiba, Estado do Paraná a Associação Curitibana de Ginástica Rítmica, consegue transformar essa realidade.

Comprometida com o treinamento da Ginástica Rítmica, promove condições de integração e superação das barreiras e preconceitos como etnia, classe social, nome ou sobrenome.

Werneck (1997, p. 65) afirma que “a convivência com pessoas diferentes desde o início de nossas vidas, é o alicerce da formação humana e social de todo cidadão”.

O Projeto "Criança na Quadra" estudado aqui entre essas linhas resgata meninas das classes sociais mais empobrecidas e as integra nas escolinhas de base do referido esporte nas quais também estão presentes crianças das mais diversas classes sociais e biótipos, conseqüentemente, a "troca" e experiências se transforma num grande aprendizado para todo o grupo.

Segundo Diniz (2001), o Brasil, é um país onde está evidente a exclusão social e a pobreza. A criação e a implementação de programas nacionais que contemplem esse assunto são de vital importância. Os idosos, os portadores de deficiências, as crianças, jovens e adolescentes pobres, especialmente aqueles que se encontra em situação de risco, necessitam ser incluídos no contexto social.

Para Werneck (1997, p. 41) a sociedade inclusiva, conseqüentemente integrada, tem compromisso com as minorias e com elas mesmas, porque se auto-exigem de transformações intrínsecas.

Diniz (2001) afirma por tanto, o esporte, incluindo-se aqui a Ginástica Rítmica, poderá se constituir num dos meios eficazes para se atingir os objetivos desta inclusão, especialmente se alicerçado em programas que possam garantir mecanismos de apoio para melhoria da auto-estima e que gerem, ainda, oportunidades de integração no mercado de trabalho.

Este assunto na visão de Werneck (1997) mostra que com a integração ninguém é excluído do infinito significado do conceito de educar, pois inclusão como filosofia é a crença de que todos têm direito de participar ativamente de qualquer sociedade, contribuindo de alguma forma para seu desenvolvimento.

O ex-diretor da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), René Maheu citado por Diniz (2001) defende a tese de que o esporte e a cultura vieram da mesma fonte. Para ele, o esporte e a cultura, em sua espontaneidade, além de expressarem valores éticos, oferecem dignidade à liberdade. A cultura, como um complexo de valores e significados na formação intelectual do homem e como um conjunto de hábitos e criações humanas, permite perceber o esporte também como uma manifestação cultural.

Ainda em Diniz (2001) os benefícios do esporte são: integração social melhora da auto-estima, resgate e preservação de valores culturais, estímulo à criatividade para promoção de novos valores culturais, geração de potencial turístico e diminuição das tensões sociais, que também se encontra de acordo com a proposta de estudo aqui apresentada.

O Brasil, por suas características de país continente, de matas virgens e habitadas por uma diversidade grande de espécies animais e com belezas naturais, atrai o olhar do mundo. Seu relevo exuberante e cheio de surpresas, seus rios e sua maravilhosa costa, seu subsolo e a fertilidade da terra, somada ao clima tropical,

sedimentam, no momento, dois grandes *pilares de desenvolvimento*: a produção de alimentos e a vocação turística. Acreditamos que o *terceiro pilar* poderá ser o esporte.

Os programas e projetos, hoje em desenvolvimento pela Secretaria Nacional do Esporte - SNE e pelo conjunto de entidades representativas do esporte nacional, fazem-nos crer que esta dimensão pode ser alcançada em médio prazo.

Alavancar o desenvolvimento esportivo do país, com concepções claras e modernas, juntamente com a integração social de crianças, aqui também proposta por este estudo da Ginástica Rítmica, a formação profissional, o acesso e o desenvolvimento esportivo, alicerçado na ciência e na tecnologia esportiva, nos levará a transformar o Brasil, também, numa *potência esportiva* (DINIZ, 2001).

Para Werneck (1997) na inclusão, as responsabilidades ficam divididas. Cabem a nós cidadãos, diminuir os obstáculos e facilitar a integração de pessoas com impedimentos, sejam eles quais forem de uma vida digna.

Uma equipe esportiva composta por atletas de classes sociais diferentes e profissionais competentes, nos faz lembrar a visão de Capra (1999) afirmando que um ser vivo é composto por um conjunto de partes totalmente integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às de partes menores, tudo faz parte de um sistema integrado.

Os estudos, desenvolvidos em nossos tempos ainda em Diniz (2001), vêm demonstrando o *valor* dos resultados dos investimentos em programas de desenvolvimento do esporte. As estatísticas apontam para um retorno de três para um, em segurança e saúde, quando se trata de investimento no esporte. Estes investimentos geram, portanto mais saúde e segurança.

A Associação Curitibana de Ginástica Rítmica, por exemplo, onde é desenvolvido o projeto “Criança na Quadra” é apoiado pelo Programa de Voluntariado Paranaense (PROVOPAR) que é um órgão desenvolvido pelo Governo do Estado do Paraná.

O esporte coloca as regras necessárias, os limites a serem respeitados, muitas vezes as individualidades a serem respeitadas, o caráter, à motivação da criança de rua, à criação de auto-estima elevada, à formação de valores, à obediência de regras. Ao trabalharmos com esporte devemos inserir questões culturais, respeitar as diferenças criar motivações internas nessas crianças (BARBOSA, 2001).

Respeitar os limites, julgar-se e observar o companheirismo, tudo é integração, tudo deve ser observado.

No trabalho de iniciação da Ginástica Rítmica, muitas são as vezes em que se sugerem as atividades aos pares, trios, quintetos, mesmo porque num conjunto dessa modalidade, existem as chamadas colaborações, que são exercícios onde todas as ginastas dependem uma das outras e nessa hora não interessa as diferenças seja de classe social ou outro qualquer das ginastas envolvidas.

Tendo como objeto de estudo uma equipe de Ginástica Rítmica em que crianças de classes sociais distintas realizam um treinamento integrado, não importando sua origem socioeconômica, podemos comparar esta equipe analogicamente a um sistema composto por relações segundo Capra (1999, p. 49).

(...) quando nos referimos aos objetos em nosso meio ambiente por exemplo, quando vemos uma rede de relação entre folhas, ramos, galhos e tronco, chamam a isso de “árvore”. Ao desenhar a figura de uma árvore, a maioria de nós não fará as raízes. No entanto, as raízes de uma árvore são, com

freqüência, tão notórias quanto às partes que vemos. Além disso, numa floresta, as raízes de todas as árvores estão interligadas e formam uma densa rede subterrânea na qual não há fronteiras precisas entre uma árvore e outra.

Segundo Capra (1999) a ciência depende de nossos métodos de observação e de medição, portanto, o que observamos não é a natureza em si, assim como uma equipe, mas a natureza exposta ao nosso método de questionamento, ou seja, a integração de meninas num só propósito: o treinamento da Ginástica Rítmica.

Finalmente para Werneck (1993), nosso sistema educacional deve proporcionar justiça social aos seus estudantes, com a democratização da integração social de seu aluno, pois assim, todos poderão participar aprender e ter acesso a projetos como o que o nosso estudo propõe através da Ginástica Rítmica.

Mensurar esses momentos parece não combinar muito com toda a integração que o esporte traz entre as pessoas, porém, é nosso interesse promover a pesquisa científica e através da mesma, auxiliar no processo de integração social através do treinamento da Ginástica Rítmica, assim, dando continuidade a este estudo, no próximo capítulo trataremos, especificamente, da pesquisa realizada junto às criança praticantes dessa modalidade na Associação Curitibana de Ginastica Rítmica – AGINARC.

CAPÍTULO 3

A INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS ATRAVÉS DO TREINAMENTO DA GINÁSTICA RÍTMICA: A PESQUISA

3.1 METODOLOGIA

Em função dos objetivos a serem alcançados nessa investigação, optamos por dois caminhos metodológicos: a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso.

Elias (1992) afirma que a pesquisa bibliográfica torna conhecida qualquer coisa previamente desconhecida, alarga o conhecimento humano e tornando-o mais seguro, ajustado e de certo modo mais técnico.

Para Goldenberg (2000), a pesquisa bibliográfica pode acrescentar a visão do lado subjetivo dos processos institucionais estudados, como as pessoas concretas experimentar estes processos e levantar questões sobre esta experiência.

A pesquisa bibliográfica foi centrada nas palavras chaves: sociedade, esporte e Ginástica Rítmica.

Outro ponto de sustentação desta investigação é a utilização de um estudo de caso que segundo Goldenberg (2000), se refere a uma análise holística, mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los.

Já o estudo de caso também reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo em um objetivo delimitado, ainda possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística (GIL, 1999).

3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

O caso escolhido foi o projeto "Criança na Quadra" o qual foi criado pela professora Simoni Valente Ribeiro, no ano de 2003, registrado no cartório de títulos e documentos de Curitiba (vide anexo), que desenvolve um trabalho de inclusão de crianças de classe social economicamente menos favorecidas através do treinamento da Ginástica Rítmica e as crianças pagantes de mensalidade, na Associação Curitibana de Ginástica Rítmica – AGINARC, em Curitiba, capital do Paraná.

O projeto "Criança na Quadra" da AGINARC é assim desenvolvido:

- Crianças aprovadas treinam nos horários de terças e quintas no período da manhã (09h30min às 11h30minh) e tarde (14h00min às 16h00minh) nas escolinhas de base.
- As aulas são ministradas e coordenadas por técnicas responsáveis da Associação Curitibana de Ginástica Rítmica - AGINARC gratuitamente.
- Crianças do projeto utilizam gratuitamente a quadra e o tapete, nos horários das escolinhas, conjuntamente com as crianças pagantes, bem como os aparelhos de Ginástica Rítmica.
- Não é cobrado nenhum ônus às crianças aprovadas pelo projeto.
- Todas as professoras e técnicas que trabalham no projeto são voluntárias.
- Crianças de bairros afastados da sede da AGINARC, recebem "vales transportes" para virem aos treinamentos.
- Crianças aprovadas deverão estar obrigatoriamente matriculadas em escolas municipais ou estaduais.

- As crianças do projeto recebem um “Kit” com todo o uniforme. (sem nenhuma diferença das outras crianças pagantes).

No Projeto “Criança na Quadra”, as atividades são assim desenvolvidas:

- A criança aprovada passa por uma avaliação médica, tirando qualquer dúvida de que possa realizar atividades físicas.
- É feita a chamada, todos os dias de aula para controle das frequências.
- Dois dias de falta consecutivas, o responsável da criança é procurado, para que esta falta seja justificada.
- Caso a justificativa não tenha sido plausível a criança perde o direito as aulas dando lugar à outra da lista de espera.
- Criança que não estiver devidamente uniformizada não realiza a atividade.
- Além das aulas de Ginástica Rítmica as crianças recebem noções de higiene com seu próprio corpo, com o seu uniforme e seu material ginástico.
- A criança aprende a ter disciplina, cuidar e respeitar o espaço, os professores e suas colegas por ser uma exigência da Ginástica Rítmica.
- Bimestralmente é cobrada apresentação do boletim escolar, para que se verifiquem as notas.
- As médias escolares devem estar em dia, caso contrário à criança recebe advertências, não podendo participar das atividades até que melhore suas notas.
- Bimestralmente é realizado um teste prático de Ginástica Rítmica para que os responsáveis das crianças acompanhem o seu desenvolvimento na ginástica.

- Além da avaliação física, a criança também é avaliada no comportamento e higiene com seus pertences e materiais ginásticos.
- Ao final de cada ano é realizado o Campeonato Interno de Ginástica Rítmica da AGINARC, o “INTERPOLOS” para que as crianças possam apresentar aos seus familiares e amigos o que aprendem.
- As atletas que no decorrer de cada ano se mostrem com aptidões para a Ginástica Rítmica são convocadas a fazer parte da equipe de competição da AGINARC.

Segundo essas normas a Associação Curitibana de Ginástica Rítmica tem como metas:

- Direcionar os esforços na busca de novos talentos.
- Sociabilização e integração de toda criança independente da classe social.
- Oportunizar as crianças carentes a aprender um esporte.

Foram estudadas oito crianças aqui denominadas por Criança 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Comprometemo-nos em manter sigilo, de caso, conforme as normas éticas de pesquisa científica.

A primeira criança estudada, foi convidada a participar das atividades gratuitamente juntamente com crianças de situação econômica mais favorecida mensalistas, por ter um bom biótipo para a Ginástica Rítmica. Tendo um bom resultado na integração dessa criança, levou a AGINARC desenvolver o projeto “Criança na Quadra”.

As outras sete, iniciaram juntas suas atividades com a Ginástica Rítmica na AGINARC, sendo cinco aprovadas no teste de seleção para o projeto “Criança na Quadra” em 2003 e três pagantes de mensalidade que compõe a equipe de competição da categoria pré-infantil (9 e 10 e 11 anos).

As crianças 1,2,3,4 e 5 são crianças economicamente menos favorecidas e as crianças 6,7,8 são economicamente mais favorecidas.

Foram realizados registros dos comportamentos, atitudes e falas das crianças durante esse período, além de falas e atos de outras crianças, pais, técnicas e outros componentes da configuração social existente.

Para uma melhor ilustração apresentamos um gráfico que indica a configuração social estabelecida pela criança e os demais membros participativos dessa configuração logo após o relato de cada criança.

CRIANÇA 1

A primeira menina de classe social empobrecida que introduzimos no trabalho com a Ginástica Rítmica era moradora de um bairro chamado Parolin em Curitiba e onde se encontra uma das favelas mais conhecidas pelo tráfico de drogas e gravidez precoce do município, segundo relato do presidente da Associação dos Moradores do Parolin, bairro da periferia de Curitiba, Edson Souza, numa conversa para divulgação dos testes em fevereiro de 2003.

Diariamente ao realizarmos o caminho para chegar ao ginásio, passávamos em frente a um espaço mantido pela prefeitura chamado “Projeto Piá”.

No projeto “Pia”, aos meninos era oferecido o futebol e às meninas trabalhos manuais, o que deixava muitas crianças desmotivadas, a maioria dos meninos mais velhos jogavam bola o dia todo, as meninas e os menores, ficavam por ali até que chegasse a hora de ir embora às vezes dormindo, às vezes chorando, às vezes brincando na caixa de areia.

Numa das vezes que ali passamos, vimos esta menina, com o biótipo muito propício para a Ginástica Rítmica, magra, de pernas e braços longos. Paramos o carro para abordá-la e perguntamos o seu nome. A criança não respondeu o nome e com comportamento que denotava desconfiança, ela respondeu “*por que*”? E “por que” queríamos saber, então perguntamos se o nome dela era “porque” ela me disse seu nome.

Conversamos então por volta de cinco minutos, foi dado a ela um cartão, e feito o convite para conhecer o ginásio e a Ginástica Rítmica que evidentemente nunca tinha ouvido falar.

Durante uma semana nós a víamos espiar pelas entradas de corrente de ar no ginásio, mas ela não entrava e quando percebia que poderia estar sendo vista, saía do local rapidamente.

Na semana seguinte a criança apareceu no ginásio com a mãe, uma senhora de origem simples, empregada doméstica, que desconfiada do que a filha dissera, queria explicações sobre o convite feito à filha.

A senhora dizia que há dias a filha estava pedindo que a levasse até aquele ginásio, pois, uma pessoa havia lhe feito convite para fazer ginástica, mas que como a menina *fantasiava* muitas coisas, não estava acreditando no que ela estava dizendo.

Em assuntos sociais, diz Elias (1980), ainda hoje às pessoas estão sujeitas às pressões e ansiedades que não conseguem compreender. Como não conseguem viver na angústia, sem que para tal tenham uma explicação, preenchem os lapsos de compreensão com *fantasias*. Para Elias ainda (1980, p.30) “os sonhos realizam-se muitas vezes em curto prazo, contudo no seu longo curso, parecem sempre acabar esvaziados de toda substância, sendo, portanto destruídos”.

A causa é que esperanças e objetivos a alcançar estão de tal forma tão saturada de fantasia, que o atual curso de acontecimentos na sociedade lhes desfere golpes consecutivos e o choque com a realidade, como sonhos (ELIAS, 1980).

No mesmo instante tranqüilizamos a mãe que sua filha não estava fantasiando, realmente havíamos feito um convite, pois a menina possuía boas qualidades físicas para praticar a atividade proposta naquele local e que se fosse possível, a criança permanecesse aquela tarde ali, para testarmos na prática suas habilidades e capacidades físicas. A mãe concordou e a criança então teve seu primeiro contato não só com a Ginástica Rítmica, mas com crianças da sua mesma idade, porém de classe socioeconômica completamente distinta.

A menina estava usando camiseta branca toda furada, short azul escuro que parecia uns três números maiores de que ela usava. Os cabelos mal penteados, armados e cheios de piolhos, os pés descalços e todos machucados, joelhos cheio de arranhões.

Nesse mesmo dia em sua primeira aula da escolinha, a menina mostrou que não só possuía um bom biótipo para a Ginástica Rítmica, mas uma flexibilidade muito boa e uma boa força de explosão ao saltar brincando, ainda facilidade no

manejo dos aparelhos, para ela, esses eram brinquedos que tinha acesso; corda, bola, bambolê entre outros.

No final da aula conversamos com a mãe e dissemos que ela podia continuar se tivesse gostado. E assim aconteceu. Observa-se aqui a primeira configuração segundo a teoria de Norbert Elias composta pela menina, pela técnica e a mãe.

A grande preocupação era como incluí-la em meio às meninas de classe sócio-econômica tão diferente, pois não havia se pensado na possibilidade de alguma criança que ali se encontrava anteriormente ou mesmo os pais dessas crianças não aceitarem a menina, além da possibilidade do choque das realidades tão diferentes deixarem alguém constrangido com essa atitude, encontramos aqui segundo Marchi Jr. (2004) a **relação social ou competição de muitas pessoas a um só nível.**

Mas a surpresa foi que todos reagiram positivamente à idéia e a “adotaram” trazendo-lhe roupas que ela pudesse usar. Aqui encontramos mais participantes da configuração social, os pais das outras atletas.

A criança 1, por sua vez nas aulas seguintes apareceu com os cabelos presos e aos poucos o meio fazia com que ela e as outras meninas, se integrassem naturalmente. Na verdade não foi apenas a menina que se incluiu num meio social, mas a “troca” de realidades fazia também que as outras meninas observassem a coragem e a facilidade com que ela aprendia a execução dos movimentos, deixavam o medo de lado e tentavam também.

Com a ginástica a criança 1, teve oportunidade de conhecer pessoas, costumes e lugares diferentes de sua realidade. Participou de campeonatos estaduais, nacionais, ganhou medalhas, amigos, respeito, como qualquer outra de

suas colegas de equipe, pois, inclusão vem para quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados.

No ano de 2003, a criança 1 foi capa da “Gazetinha” um caderno anexo ao Jornal Gazeta do Povo circulado em Curitiba e região, contando sua história, no qual o título da reportagem era “O Trabalho Infantil”. Uma reportagem para a semana do dia da criança.

Alguns meses após a reportagem, um fato relevante aconteceu, talvez o mais significativo de todo esse trabalho aconteceu.

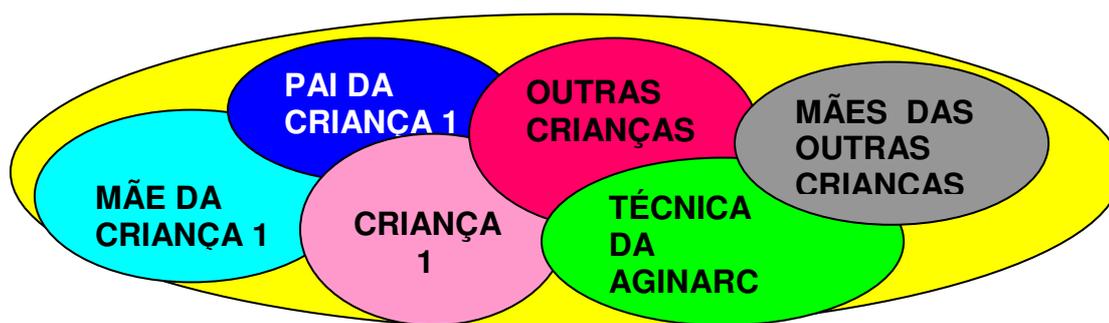
O pai da criança 1 nunca havia estado no ginásio, ninguém ali o conhecia, sabíamos apenas que ele estava desempregado, era alcoólatra, enfim, mais um no meio de tantos pais de família de comunidades empobrecidas de nosso país. Nesse dia ela chegou ao ginásio dizendo que o pai dela gostaria de conversar conosco, um senhor magro, com aparência bem sofrida.

Ele estava ali para agradecer pelo que havíamos feito por sua filha, nos contou que estava desempregado e por conta de não ter nenhuma ocupação passava seus dias em bares e botequins do bairro bebendo. Mas a partir do dia que viu a foto de sua filha na capa de um jornal e pessoas indo até sua residência para parabenizá-lo e pedir o autógrafo da menina, sentiu vergonha e resolveu tomar a atitude de parar de beber. Ainda ali mostrou uma carteirinha que estava participando das reuniões como membro da associação dos alcoólatras anônimos e que também estava trabalhando como autônomo pintando residências.

Com esse depoimento, ainda mostrando a carteirinha do programa AAA, com tanta sinceridade, simplicidade e verdade dita por aquele senhor, resolvemos aumentar o número de crianças carentes na Ginástica Rítmica, criando então o projeto “Criança na Quadra”.

Num projeto social, toda uma sociedade está altamente envolvida diz Elias (1980), pois a criança não vem só. Familiares, amigos, parentes, família, bairro, escola, enfim toda uma configuração sociológica a acompanha desde o primeiro instante da sua participação, e isso faz com que apareçam conflitos de muitas partes, pois existe uma disputa de poder principalmente pelos pais, como em qualquer sociedade.

GRÁFICO ILUSTRATIVO REPRESENTANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL ESTABELECIDA PELA CRIANÇA 1.



- AGINARC
- CRIANÇA 1
- CRIANÇAS PAGANTES PARTICIPANTES DA ESCOLINHA DE GINÁSTICA RÍTMICA DA AGINARC
- TÉCNICA DA AGINARC
- PAI DA CRIANÇA 1
- MÃE DA CRIANÇA 1
- MÃE DAS CRIANÇAS PAGANTES

Se uma menina mudou além da sua vida, a vida de uma família inteira, mais meninas poderiam mudar ainda mais e melhorar a sociedade em que vivemos, com menos violência, menos crianças nas ruas, menos doenças. Na vida social de hoje.

Elias (1990) coloca que somos incessantemente confrontados pela questão de como é possível criar uma ordem social que permita uma melhor harmonização entre as necessidades e inclinações pessoais dos indivíduos, de um lado, e, de outro, as exigências feitas a cada indivíduo pelo trabalho comparativo de muitos, pela manutenção e eficiência do todo social.

Sentimos a responsabilidade de integrar mais meninas empobrecidas através do esporte, isto é, através da Ginástica Rítmica.

CRIANÇA 2

Esta criança foi aprovada no teste realizado no ano de 2003. Na época com sete anos de idade, possuía grande flexibilidade, porém o biótipo não tão apreciado pela Ginástica Rítmica.

Moradora também do Barro Parolin, a mãe arrumadeira de hotel e o pai motorista de ônibus.

A criança 2, realizava suas atividades na escolinha duas vezes por semana e sempre foi uma menina muita fechada, desconfiada, até meio agressiva com as outras, mas dona de uma determinação ímpar. Sempre que lhe era proposto um exercício, ficava tentando até que conseguisse realizá-lo corretamente.

Como morava próximo ao ginásio, mesmo nos dias que não freqüentava a escolinha de iniciação, vinha de casa e ficava observando o treinamento das atletas de competição da equipe.

Algum tempo depois, observamos que a criança 2 começou a emagrecer de uma maneira muito rápida. Preocupadas, chamamos a mãe para uma conversa.

A mãe nos relatou que antes de entrar para a ginástica, mesmo com as instruções dela, a menina comia muito mal, além de ficar a maior parte de seu tempo sozinha em casa, seu pai trazia da empresa onde trabalhava os “lanchinhos” do ônibus leito e era essa sua refeição predileta. Ao entrar na ginástica, a menina não queria saber mais dessas guloseimas, insistia para mãe que ia ser uma campeã como as que ela via treinando na equipe e na Ginástica Rítmica as campeãs não eram gordas, pois, quando ia até o ginásio observar o treinamento da equipe, percebia as atletas eram todas bem magras.

Elias (1990, p. 43) afirma que: “para simbolizar a própria auto-imagem, precisamos de um mito de origem, um mito ou sonhos que guiem todos os nossos passos e direções, o esporte é um desses mitos”.

A partir das aulas de Ginástica Rítmica então, a menina comia apenas nas horas normais de refeição com a família e na escola, só aceitava como merenda as frutas que a própria escola oferecia.

Segundo Elias para esta situação (1980) pretendemos conceituar como forças sociais, as forças exercidas pelas pessoas, no caso desta criança as atletas de Ginástica Rítmica, magras que ela observava e sobre ela própria, ou seja, à vontade de ser uma campeã e por isso mudar o hábito alimentar.

Em fevereiro de 2004, essa criança 2 foi uma das convocadas para ingressar na equipe de competição da categoria pré-infantil, pelo seu bom desempenho na escolinha nesta época, com oito anos de idade.

A primeira competição dela foi na cidade de Toledo, estado do Paraná, uma de suas séries (coreografia da Ginástica Rítmica) era com o aparelho bola. Ao final

de sua apresentação com a bola, o aparelho escorregou de sua perna, perdendo assim alguns pontos na semifinal. Saiu da quadra com a expressão bem fechada, inconformada com a situação.

Expressou-se decidida para a técnica que essa seria a última vez que ela errava uma série e afirmou que nunca mais ela erraria uma série. A técnica apenas orientou que ela fosse se trocar.

Mesmo com este erro ela conseguiu classificação na final. Momentos antes de entrar na quadra e repetir a série, a menina mal olhava para a técnica, apenas para a quadra, como se tivesse que provar para si mesma que poderia se apresentar melhor.

“Cravou a série”, como dizemos na Ginástica Rítmica e foi a segunda colocada no campeonato estadual.

Ao sair da quadra, apenas olhou sorrindo para técnica, fazendo um sinal positivo com a cabeça. Elias (1980, p. 59) propõe assim esta situação: “as pessoas modelam suas idéias sobre todas suas experiências, essencialmente sobre as experiências que tiveram dentro do seu próprio grupo”.

No ano de 2005, foi o seu primeiro campeonato em nível nacional. Apesar de fazer parte de uma equipe com mais quatro crianças da mesma idade e serem bem companheiras, sua atitude sempre foi diferente das outras dentro do ginásio.

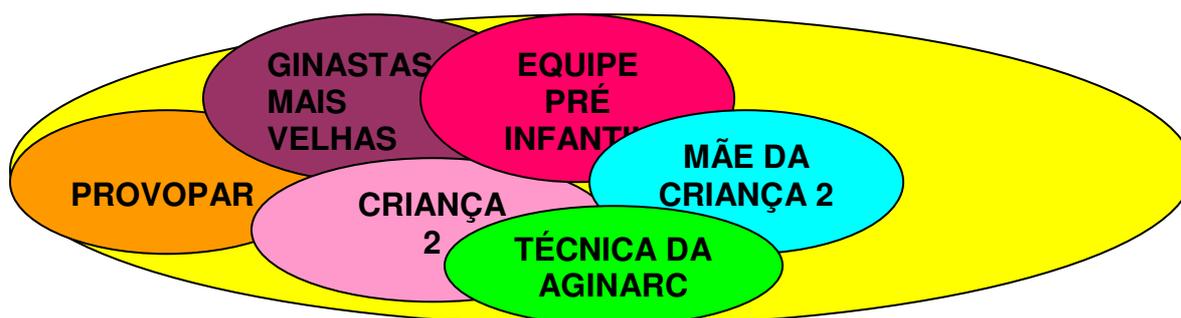
Chegava ao ginásio conversando com as colegas, mas ao início do treinamento se isolava, não dava muita atenção às outras, sua única atenção era para a sua técnica, nenhuma outra técnica ela ouvia, apenas a sua.

Observa-se aqui a **relação social ou competição de poder entre duas pessoas**, segundo Marchi Jr. (2004).

Adquirida pela própria criança 2 em relação à técnica, onde o potencial de poder exercido pela treinadora determina o controle e o discurso do treinamento.

Muitas vezes as outras crianças reclamavam dessa atitude dela, chegavam ao ponto, de ir até a treinadora para fazer uma espécie de “intriga” por não concordarem com essa atitude. Aqui podemos observar a **relação social ou competição multipessoal a vários níveis** segundo Marchi Jr. (2004). Que pode ocorrer entre um grupo, à incompreensão por parte desse grupo.

GRÁFICO ILUSTRATIVO REPRESENTANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS, DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL ESTABELECIDA PELA CRIANÇA 2.



- AGINARC
- CRIANÇA 2
- GINASTAS MAIS VELHAS DA EQUIPE DE COMPETIÇÃO
- TÉCNICA DA AGINARC
- MÃE DA CRIANÇA 2
- EQUIPE PRÉ-INFANTIL NA QUAL A CRIANÇA 2 É INTEGRANTE
- PROVOPAR – ÓRGÃO DE APOIO

Apesar de não ter perdido sua vontade de “chegar lá” hoje a criança 2 é uma menina mais meiga e dócil e convive com suas colegas de equipe de uma maneira harmoniosa.

Sempre viajamos para campeonatos, apesar das atletas terem suas despesas todas pagas por uma entidade governamental de ajuda aos carentes chamada, Promoção do Voluntariado Paranaense – PROVOPAR, os pais sempre as presenteiam com um “dinheirinho” para que as meninas comprem suas lembrancinhas do local.

Em qualquer dessas viagens, como ocorreu no ano de 2005 para Londrina, Maceió, e Salvador que os pais da criança 2 deram apenas três reais, ela nunca deixou de comprar um presente para a técnica e dizer: *“Obrigada por tudo, se não fosse por você eu não seria o que eu sou e eu não estaria aqui”*.

A criança 2 é uma das componentes da equipe de competição da categoria infantil que em 2004, foi campeã brasileira no III Torneio Nacional, na cidade de Betim, Minas Gerais e em 2005, vice-campeã Brasileira Individual na cidade de Salvador, Bahia e de conjuntos em Maceió, Alagoas.

CRIANÇA 3

A criança 3, também foi aprovada no teste em 2003, na época com oito anos de idade.

Esta criança possuía um bom biótipo, magra, de pernas bem longas e flexíveis, porém, um fato provocou inúmeras discussões entre pessoas do projeto, era negra.

Moradora de um bairro da periferia de Curitiba, chamado Fazendinha, a mãe estava desempregada e o pai era gari.

A criança, tomava três ônibus para chegar ao ginásio de treinamento, onde, por muitas vezes almoçava no próprio ônibus para não se atrasar para as aulas de Ginástica Rítmica.

Disciplinada, talentosa e inteligente, essa criança demorou apenas seis meses para ser convocada para equipe de treinamento, o que provocou a angústia e talvez até revolta de uma determinada mãe que também tinha sua filha como uma das atletas da equipe, a menina era delicada e graciosa, porém não tão talentosa para o alto nível da Ginástica Rítmica.

Ao ver que a criança 3, começou a se destacar no esporte e na equipe, ficou incomodada e marcou com a técnica uma conversa em particular.

Iniciou o assunto, justificando que sua família tinha um poder aquisitivo muito grande, que a maioria dos políticos e governantes do Paraná, era freqüentadores de sua residência e que a maioria dessas pessoas conhecia sua filha e sabiam que ela praticava Ginástica Rítmica ali.

Justamente por este motivo ela estava muito apreensiva, pois, temia a reação dessas pessoas quando vissem sua filha *“tão linda e branquinha”* (palavras ditas por ela) de mãos dadas com uma *“negrinha”*.

Por isso esperava uma atitude da técnica, ou seja, retirar a criança 3 do mesmo grupo da filha ou, caso contrário, o projeto social poderia ser desativado.

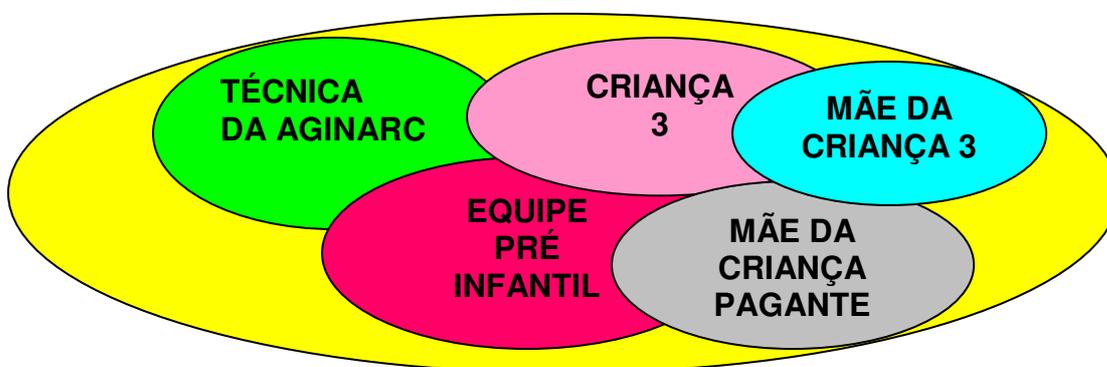
A atitude dessa mãe ameaçando o desenvolvimento do projeto nos exemplifica claramente Marchi Jr. (2004). **Relações sociais ou competições de dois níveis do tipo oligárquico.**

Muitas vezes essa relação pode chegar às **relações sociais ou competições primárias sem regras** que possuem situação humana básica, como exemplo sobrevivência nas sociedades primitivas. Aqui mostrada pela mãe querendo

desativar um projeto, por não aceitar que uma criança talentosa, porém negra e pobre, estivesse se destacando mais que sua filha.

A mãe da criança 3, no entanto, ao ficar ciente do que estava acontecendo por intermédio de outras mães que a conheciam, apenas disse que tinha muita pena da educação que essa mãe estava proporcionando a filha.

GRÁFICO ILUSTRATIVO REPRESENTANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL ESTABELECIDA PELA CRIANÇA 3.



- AGINARC
- CRIANÇA 3
- MÃE DA CRIANÇA PAGANTE DA EQUIPE PRÉ-INFANTIL
- TÉCNICA DA AGINARC
- EQUIPE PRÉ-INFANTIL NA QUAL CRIANÇA 3 É INTEGRADA
- MÃE DA CRIANÇA 3

Num conjunto de Ginástica Rítmica, que dentre seis atletas que compõe uma equipe entre titulares e reservas, apenas cinco entram em quadra, origina uma relação social ou competição com suas leis específicas. Assim, pelos anseios e angústias estreitamente relacionados de muitos indivíduos entram em ação os

mecanismos de monopólio. Assim diz Elias (1990, p. 58) “o desordenado monopólio da violência exercida por toda uma classe de senhores líderes natos, hoje ainda podemos encontrar um monopólio privado hereditário e central de forças que querem e controlam os amplos setores da população”.

A este impasse, a atitude da técnica foi de dizer para a mãe que ali não era então o lugar da filha. Que na Associação Curitibana de Ginástica Rítmica - AGINARC não praticaria o racismo excluindo uma criança por sua etnia.

A atitude da mãe então foi retirar a filha da Ginástica Rítmica.

A criança 3 é também uma das componentes da equipe de competição da categoria infantil que em 2004 foi campeã brasileira no III Torneio Nacional na cidade de Betim, Minas Gerais e em 2005, vice-campeã Brasileira Individual na cidade de Salvador, Bahia e de conjuntos em Maceió, Alagoas.

CRIANÇA 4

Essa criança chegou ao ginásio dias depois que foram realizados os testes. A mãe havia ficado sabendo por uma outra criança que estudava na mesma escola da filha e esta também morava bem próximo ao ginásio.

A menina nessa época estava com seis anos, por ser muito flexível, trabalhava aos finais de semana num circo, montado pela prefeitura da cidade.

Aceitamos a criança mesmo após o teste realizado, pois, era um grande talento em nossas mãos.

Quando começou suas atividades na escolinha de base e participava das aulas a professora notou que em vários exercícios propostos ela se queixava de

dores nas articulações, pois o trabalho que realizava no circo, não era dirigido ou estruturado, apenas torciam e retorciam a menina como se fosse uma boneca de pano.

Agravando um pouco mais, a criança 4 possuía também, um problema de estrabismo visual e usava óculos com lentes de mais de cinco graus. Por estes motivos, a técnica chamou a mãe para conversar na primeira semana de aula.

A mãe, era dona de casa e juntamente com o pai faziam pipas de papel, que vendiam nas ruas para o sustento da família (o casal e duas filhas).

No decorrer da conversa, orientamos a mãe que a menina para realmente participar da Ginástica Rítmica, deveria abandonar o circo e demos todas as explicações cabíveis para tal atitude. Mas a mãe era irredutível, como tirar a menina do circo se ela era a estrela do espetáculo, e ganhava cinco reais pelas apresentações de finais de semana ajudando nas despesas de casa?

Aqui segundo Marchi Jr. (2004) encontramos a **relação social ou competição de poder entre duas pessoas**, que possui a situação onde a mãe determinava o poder, ou seja, correto ou não a criança trabalharia no circo e para ajudar nas despesas de casa.

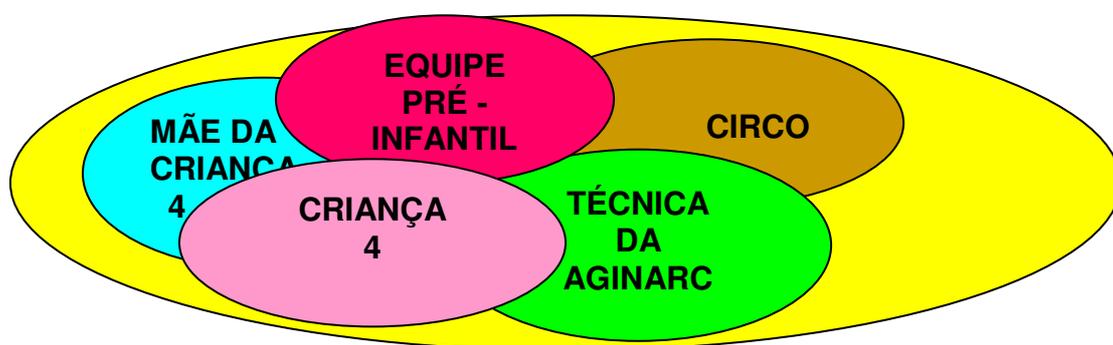
Com essa atitude da mãe, dispensamos a criança, pois não queríamos a responsabilidade de machucá-la ainda mais, por culpa de trabalhos desestruturados feitos fora do ginásio.

A menina então, não apareceu no ginásio por algumas semanas. Numa tarde, voltou novamente acompanhada da mãe.

Seu discurso agora era que a menina não quis mais voltar para o circo e chorava sempre de saudades da ginástica. Conversamos mais uma vez e dessa

vez, impusemos que a criança deixasse o circo, pois, caso contrário não poderia participar das aulas de Ginástica Rítmica.

GRÁFICO ILUSTRATIVO REPRESENTANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL ESTABELECIDA PELA CRIANÇA 4.



- AGINARC
- CRIANÇA 4
- CIRCO
- MÃE DA CRIANÇA 4
- TÉCNICA DA AGINARC
- EQUIPE PRÉ – INFANTIL NA QUAL A CRIANÇA 4 É INTEGRADA

A mãe ainda tentou “negociar” que ela só apresentasse uma vez ou outra pelo dinheiro que auxiliava em casa. Para esta situação, Elias (1990, p. 17) diz: “não há dúvida que o desenvolvimento da sociedade de maneira a que não apenas alguns, mas na totalidade de seus membros tivessem a oportunidade de alcançar essa harmonia, é o que criaríamos se nossos desejos tivessem poder suficiente sobre a realidade”.

Ainda em Elias (1990), ao pensarmos calmamente no assunto, logo se evidencia que as duas coisas só são possíveis juntas, ou seja, só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensões, perturbações e principalmente conflitos.

Então assim foi feito conciliando o circo e a Ginástica Rítmica, mesmo continuando firmes em nossos propósitos, concordamos que a criança se apresentasse no circo, mas, numa coreografia elaborada por sua professora e a mãe então também saiu satisfeita.

A menina hoje com dez anos de idade é a atual campeã do V Torneio Nacional de Ginástica Rítmica na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, ainda vai ao circo, mas se apresenta apenas com suas coreografias de Ginástica Rítmica conjuntamente com suas companheiras de equipe, como integrante de uma equipe campeã que foi descoberta ali.

CRIANÇA 5

Essa criança, também foi aprovada no teste de 2003, nesse período, com oito anos de idade.

Moradora do bairro Fazendinha, os pais eram separados; a mãe vendedora ambulante de produtos alimentícios na cidade Curitiba e o pai autônomo. Ambas moravam num cômodo de quarto e banheiro.

A mãe relatava que o pai da criança 5 pouco se importava com a filha, pois, morava em outro estado. Apesar de muito pobres a mãe se esmerava em dar de tudo para a filha mesmo que não pudesse.

A menina possuía uma libido incompatível com sua idade e por vezes, tinha atitudes muito adultas. Gostava de falar sobre namorados, beijo na boca, beijos de novela. Até que um dia a mãe de uma outra criança da escolinha, mas não do projeto, veio nos abordar com um problema. Essa criança 5 emprestou um livro sobre como fazer sexo, cheio de gravuras, para sua filha, dizendo que quem havia lhe apresentado, era sua própria mãe, para que ela aprendesse tudo sobre o assunto.

Chamamos a mãe da criança 5 para uma conversa. E qual não foi a nossa surpresa quando a mãe confirmou que havia dado o livro à filha para que ela aprendesse e não fosse estuprada como ela foi.

Cada pessoa, diz Elias (1990, p. 19), “nesse turbilhão faz parte de um determinado lugar, tem uma mesa onde come, uma cama onde dorme cada um desses passantes tem uma função ou algum tipo de tarefa para os outros”.

GRÁFICO ILUSTRATIVO REPRESENTANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL ESTABELECIDADA PELA CRIANÇA 5.



●AGINARC

●CRIANÇA 5

●CRIANÇA PAGANTE QUE RECEBEU O LIVRO

- MÃE DA CRIANÇA 5
- MÃE DA CRIANÇA PAGANTE
- TÉCNICA DA AGINARC
- EQUIPE PRÉ-INFANTIL NA QUAL A CRIANÇA 5 É INTEGRADA

Cada indivíduo tem sua história, não podemos simplesmente do dia para noite mudá-la.

A criança 5 vinha para o ginásio e voltava sozinha, chegava em sua casa sempre por volta de oito horas da noite.

Para sua mãe a criança 5 deveria aprender a “*se virar*” sozinha desde muito cedo.

Encaminhamos essa criança à psicóloga que estagiava na época na equipe, mas a mãe não gostou e mesmo contra a vontade da filha, retirou a menina da Ginástica Rítmica, com a seguinte frase: “*Psicólogo não vem de Deus, quem toma conta da minha filha é Deus*”.

Em Marchi Jr. (2004) encontramos aqui a **relação social ou competição entre duas pessoas**, na qual o poder da mãe sobre a criança qualificou o controle exercido sobre a filha, ou seja, quem teve mais poder ditou as regras.

A criança 5 estuda na mesma escola que 3 e até hoje pergunta pelas colegas ginastas, pela técnica e pela ginástica. Às vezes, a criança 3 a vê no recreio brincando com uma corda como se estivesse realizando uma série de Ginástica Rítmica.

CRIANÇA 6

Essa criança iniciou suas atividades em 2003, como pagante da escolinha de Ginástica Rítmica na AGINARC, após um convite de uma amiga vizinha que já era aluna. A criança 6 possuía o biótipo muito bom, explosão de salto, boa flexibilidade, mas sua principal característica era a bondade.

Estudava em escola da rede particular de ensino de Curitiba, a mãe era dona de casa e o pai viajava para fora do Brasil a serviço. Seus pais sempre a incentivaram e apoiaram no esporte.

Nos primeiros dias de aula, a mãe relatou que em algumas segundas feiras a criança 6 precisaria chegar atrasada aos treinos, pois, fazia reforço escolar.

A criança 6 era a “amigona” do grupo. Sempre que havia algum tipo de desentendimento, lá estava ela, sempre ouvindo as partes. Até que certa vez, algo começou a chamar a minha atenção.

Quando era proposto um exercício em dupla, as outras crianças a disputavam como par, porém, quando o exercício era uma a uma, ela era deixada sempre para o final da fila. Nunca via a criança 6 reclamar ou reagir àquela atitude das outras. Encontramos aqui a **Relação social de muitas pessoas a um só nível**. Tratando-se de um limitado número de relações independentes que uma pessoa pode realizar simultaneamente. (MARCHI JR, 2004).

Foi quando chegou o primeiro campeonato. A criança 6 era cotada como uma das ginastas a ficar dentre as cinco primeiras colocadas, mas, ao se apresentar, realizou uma serie cheia de erros e teve a décima segunda colocação.

Ao sair do campeonato, vimos seus pais conversando com ela, achamos que pudesse estar triste, mas, pelo contrário, estava serena mesmo com um resultado não tão esperado. Seus pais diziam que importante para eles, era ela estar fazendo

o que gostava um esporte bonito e feminino, que colocação para eles não era o mais importante.

Quando voltamos para os treinamentos, conversamos com a menina a sós, perguntando o que ela pensava sobre a sua colocação no campeonato. Ela respondeu apenas num gesto, subindo os ombros e disse que a equipe tinha ido bem, então ela estava bem também. Ainda assim insistimos e ela só sorriu e não respondeu.

Os treinamentos continuaram e ela também continuou cedendo seu lugar às outras, ouvindo as queixas das intrigas das colegas, enfim, nada mudava. Até que um dia conversamos com seus pais.

Dissemos a eles o que pensávamos a respeito das atitudes dela e que achávamos que eles deveriam insistir que ela fosse menos compreensiva e pensasse mais nela. A mãe relatou que a psicopedagoga da escola também disse o mesmo em uma reunião, pois, criança 6 tinha dificuldades na escola e combinamos de a observarmos melhor.

Nos treinos não deixávamos mais que as outras meninas passassem sua vez, quando percebíamos que estavam se queixando com ela, intervíamos e dizíamos que elas deveriam resolver o problema sem a criança 6, e na escola a professora, orientada pela psicopedagoga agiu da mesma forma.

A criança 6 começou a melhorar ainda mais nos treinamentos e suas visitas ao reforço na escola diminuíram. Ela parecia mais confiante e mais feliz.

Até que o próximo campeonato chegou. Antes de entrar na quadra, disse a ela que agora era a sua vez e que deveria fazer o seu melhor, pensando nela e depois na equipe. Ela entrou na quadra e cumpriu seu papel, ficou em terceiro lugar

e desse momento em diante, nas outras competições que participou, sempre esteve entre as três primeiras colocações.

Por coincidência na escola também não precisou mais ir ao reforço, havia alcançado média em todas as disciplinas.

Num dia de treinamento, ao sentir mais segurança e confiança na técnica, a criança 6 quis ter uma conversa em particular.

Disse que estava muito feliz pela confiança de que ela tinha aprendido a ter nela mesma e isso tinha a ajudado até na escola, pois, havia uma colega de sua sala que não a deixava fazer suas lições de casa, dizendo que ela era “burra” e não sabia escrever, então a própria colega fazia por ela. Percebemos a **relação social entre duas pessoas**. Segundo Marchi Jr (2004) o fator determinante dessa relação qualifica o controle exercido por determinada pessoa, a colega de sala e, também, como decorre o curso da história, ou seja, quem tem mais poder dita as regras.

Relatou também que depois de nossa conversa, ela não deixou mais que sua colega fizesse suas tarefas, mesmo que ela insistisse. E sabia que foi por isso que ela também melhorou na escola.

GRÁFICO ILUSTRATIVO REPRESENTANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL ESTABELECIDA PELA CRIANÇA 6.



- AGINARC
- CRIANÇA 6
- PAIS DA CRIANÇA 6
- EQUIPE PRÉ-INFANTIL NA QUAL A CRIANÇA 6 É INTEGRADA
- COLEGA DA ESCOLA
- PSICOPEDAGOGIA DA ESCOLA DA CRIANÇA 6
- TECNICA DA AGINARC

A criança 6 faz parte da equipe pré-infantil campeã brasileira em 2004, e vice-campeã brasileira 2005. Continua meiga, mas é respeitada pelas companheiras.

Seus pais são colaboradores presentes nas competições, organizações, eventos e estão sempre auxiliando no desenvolvimento da equipe, por reconhecer no esporte a integração da filha.

CRIANÇA 7

Essa criança iniciou suas atividades na escolinha de Ginástica Rítmica, como mensalista em 2003, com oito anos de idade.

Os pais dessa criança sempre a apoiaram no esporte e participavam ativamente das promoções e eventos da AGINARC.

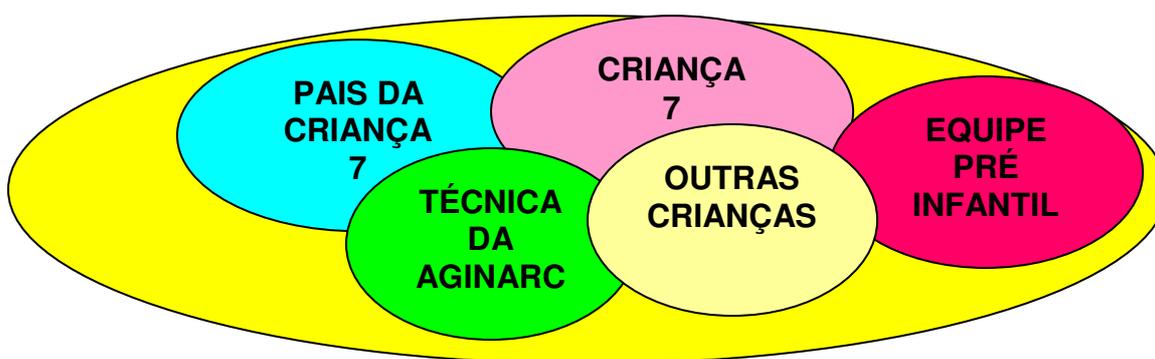
A criança 7 sempre foi muito comunicativa, tanto que quando necessitávamos de alguém para dar alguma entrevista a jornais ou televisão, era ela que se destacava. As outras colegas e até as técnicas a apelidavam de “Gazeta do Povo”

por ser este um jornal muito vendido em Curitiba e onde se encontravam todas as notícias.

Quando as outras crianças queriam se manifestar para a técnica ou para outra pessoa, a criança 7 sempre era a “porta voz” do grupo. Nunca teve a “melhor amiga” em seu grupo, sempre foi companheira de todas.

Encontramos na configuração estabelecida por essa criança 7 e as outras do grupo, a **relação social de níveis do tipo democrática crescentemente simplificada**, onde o modelo é evidenciado pela aproximação dos indivíduos das camadas inferiores, que efetivam o crescimento do seu potencial determinado pela conquista. (MARCHI JR, 2004).

GRÁFICO ILUSTRATIVO REPRESENTANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL ESTABELECIDA PELA CRIANÇA 7.



- AGINARC
- CRIANÇA 7
- PAIS DA CRIANÇA 7
- EQUIPE PRÉ – INFANTIL NA QUAL A CRIANÇA 7 É INTEGRADA
- TÉCNICA DA AGINARC

○ OUTRAS CRIANÇAS NOVATAS

Quando chegava alguma criança nova, a criança 7 era a que recepcionava, mostrava as instalações, explicava como funcionava tudo, sem que ninguém lhe pedisse essa tarefa.

Nos treinamentos sempre foi uma criança interessada, determinada, mas acima de tudo a companheira de todas as horas.

CRIANÇA 8

A criança 8 iniciou suas atividades em 2003, com sete anos de idade, como atleta da escolinha de Ginástica Rítmica mensalista. A menina era uma criança muito bonita e por esse motivo a mãe a tratava como um “bibelô”, apesar de percebermos que a criança 8 não gostava dessa atitude. Para Marchi Jr (2004) essa seria uma **relação social de muitas pessoas a um só nível**. Pois tratou de um limitado número de relações independentes que uma pessoa pôde realizar simultaneamente, no caso mãe e filha e a ordem estabelecida na configuração foi dada na perspectiva de que a ação de cada participante não é considerada como exclusiva de sua parte.

A menina vinha para o treino sempre muito bem penteada, muito bem vestida, e mesmo tendo o uniforme igual das outras crianças, a mãe conseguia com algum detalhe que ela ficasse diferente, porém, quando a mãe saía do ginásio, ela tirava esse detalhe e se tornava como as outras. Seus colans de competição individual eram sempre os mais elegantes, mais bordados e mais bonitos.

A menina era muito companheira das outras e tinha amizade com todas as colegas de equipe sem distinção.

Na grande entrada do ginásio era possível assistir aos treinamentos, mesmo de longe e começamos a perceber que quando sua mãe chegava para buscá-la a criança 8 mudava seu comportamento, parecendo ficar nervosa com a presença da mãe.

A primeira competição que a criança 8 participou, foi em Toledo em 2004 no campeonato pré-infantil paranaense categorias: individual e conjunto.

Os familiares fizeram uma caravana e foram assistir os três dias de competição. O conjunto foi a categoria que se apresentou primeiramente e ficou em primeiro lugar. A mãe da criança 8 comemorou muito, beijou-a, abraçou, enfim, tudo que os pais que torcem pelos filhos fazem.

No dia seguinte foi então a apresentação dos individuais. A mãe da criança 8, estava muito aflita, mas a criança tranqüila. Até que ao sair o resultado, a menina ficou para a final somente no aparelho bola dos dois obrigatórios que a categoria dela exigia (mãos livres e bola). A mãe teve uma reação muito negativa, maltratou as outras mães, gritava com o marido até que esse conseguiu tirá-la do ginásio, para acalmá-la e para que a filha não presenciasse tudo aquilo.

Conseguimos constatar nessa atitude da mãe, segundo Marchi Jr (2004), as **relações sociais de dois níveis do tipo oligárquico** abordando que a pressão exercida por conta do aumento no número de atletas individuais na configuração, ocorreu desintegração da mãe da criança 8 com as outras mães da equipe, formando dois níveis de indivíduos que se mantiveram interdependentes, atuando diretamente uns contra os outros.

A premiação foi no último dia, domingo. Quando a equipe recebeu a medalha de primeiro lugar da categoria conjuntos, a mãe não aplaudiu e ainda balançou negativamente a cabeça. Ao receber a medalha de décimo lugar geral de trinta e duas crianças participantes, a mãe da criança 8, se retirou do ginásio.

Na semana seguinte, já retornando aos treinos, percebi que a menina treinava bem até quando desse a hora da mãe buscá-la. Quando a mãe aparecia no ginásio para buscá-la, mesmo as colegas de treinamento, tentando escondê-la para que ela não a visse, a criança 8 se apavorava e errava tudo o que estava executando.

Num treino de final de semana, trocamos um lançamento de sua série de bola, que ela não estava conseguindo realizar, por um outro mais fácil. No momento da troca, a mãe chegou ao ginásio e viu a mudança. Na segunda feira, a criança 8 indagou se poderíamos recolocar o lançamento antigo de volta na série, pois agora ela sabia realizá-lo. Perguntei então a ela se ela havia treinado no final de semana em casa e ela me respondeu que sim abaixando a cabeça. Percebemos a **relação social entre duas pessoas**, segundo Marchi Jr (2004), pois, o fator determinante de configuração mutável foi à proporção de poder existente entre os componentes mãe e filha. Essa relação qualificou o controle exercido por determinada pessoa, a mãe em relação à menina, que por possuir mais poder ditou as regras.

Nesse momento percebemos que estava na hora de conversarmos com a mãe.

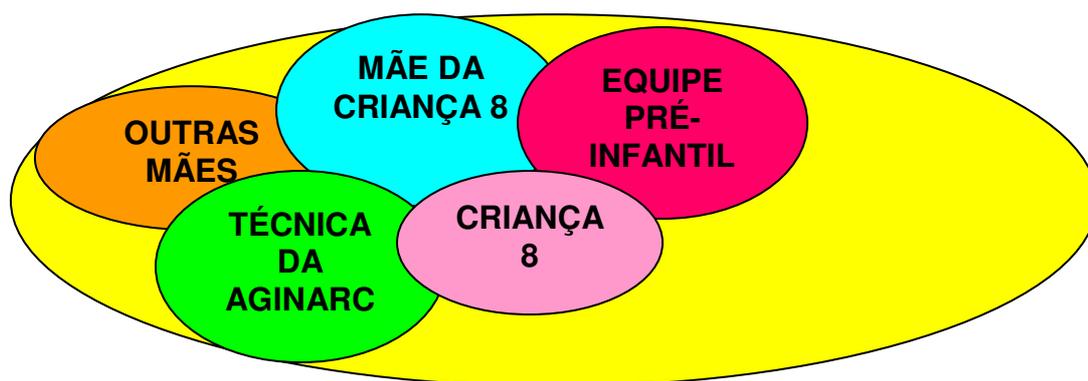
Sempre muito áspera, a mãe disse que deveríamos cobrar mais da menina e não facilitar as coisas pra ela, antes mesmo de perguntarmos qualquer coisa ou colocarmos em pauta qualquer assunto. Disse também que em seu tempo de atleta de natação ela sempre foi a melhor e que a filha também deveria fazer o mesmo. E

que para ela a medalha de conjunto, não valeu para nada, pois ela deveria se destacar individualmente.

Com essa atitude, percebemos que precisávamos ajudar a criança, pois a mãe já tinha sua opinião formada e se tratava de uma pessoa de temperamento muito difícil. Então, só ouvimos a mãe.

No treinamento do dia seguinte, as colegas da criança 8, disseram que ela estava muito triste, pois havia brigado com a mãe. Ao conversar com a criança, percebemos, o quão estava pressionada pela mãe. Contou-nos até que quando a mãe ao buscá-la no treino, via que estava errando a série, a ameaçava de tirá-la da ginástica, caso ela não melhorasse. Novamente, segundo Marchi Jr (2004) encontramos a **relação social entre duas pessoas** entre mãe e filha. Mas a criança 8 não queria parar de treinar, pois gostava muito do que fazia.

GRÁFICO ILUSTRATIVO REPRESENTANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL ESTABELECIDA PELA CRIANÇA 8.



● AGINARC

● CRIANÇA 8

● MÃE DA CRIANÇA 8

● TÉCNICA DA AGINARC

● OUTRAS MÃES

● EQUIPE PRÉ-INFANTIL NA QUAL A CRIANÇA 8 É INTEGRADA

Até que no início do ano seguinte, a criança 8 resolveu por si só, parar de treinar, o que foi de grande choque para suas colegas de treinamento.

A mãe novamente foi ao ginásio, mas dessa vez estava muito diferente, estava muito triste com a atitude da menina, chegou até a usar a expressão: *“To me sentindo como um boi no matadouro!!!”* Ao imaginar que não viria mais a filha num tapete de competição.

Conversamos por algumas horas com mãe e filha e num diálogo indireto para a mãe, mas direto para a criança 8 e conseguimos que ela mudasse de idéia.

A mãe voltou para casa, feliz com o retorno da filha para a ginástica e prometeu pra ela mesma que nunca mais ia interferir nos treinamentos da filha.

As colegas de equipe se uniram ainda mais com a volta da criança 8 e sua mãe faz colans e outros objetos como sapatilhas, roupas de treino, arranjos de cabelos, para as outras crianças gratuitamente.

3.3 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Para a interpretação dos resultados foi utilizada a técnica da observação participante, que segundo Gil (1999) consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo estudado no qual o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo, o qual se chega à vida desse grupo a partir do interior dele mesmo.

A partir dos pressupostos teóricos registrados neste estudo sobre sociedade, esporte e Ginástica Rítmica passam a interpretar os resultados da investigação junto às configurações sociais estabelecidas pelas crianças estudadas e as relações de disputas de poder que se formam nessa sociedade denominada equipe AGINARC. E então verificar se o treinamento da Ginástica Rítmica é um contributo na integração das crianças praticantes, pertencentes a classes sociais economicamente diferentes.

- 1) Constatamos que dentre as crianças estudadas participantes da equipe AGINARC, todas realizam uma configuração social na qual um ou mais dos familiares, a técnica da equipe e a equipe pré - infantil estão presentes.
- 2) Quando existe uma situação de disputa entre as crianças da equipe, esta ocorre no sentido positivo das relações sociais de **interpenetração com normas**, segundo as classificações de MARCHI JR (2004).
- 3) Todas as crianças estudadas, vindas do projeto “Criança na Quadra” ou sendo mensalistas, fizeram parte de uma seleção para integrarem a equipe independentemente de sua classe econômica.
- 4) Quando ocorreu alguma disputa de poder entre as crianças, estas serviram como meio de integração entre elas.
- 5) Quando houve disputa de poder entre as crianças, essas não utilizaram a situação econômica que pertenciam para favorecê-la.

- 6) Em todas as situações criadas pelas relações estabelecidas na equipe, antes de serem levadas à técnica, as crianças sempre tentaram resolver entre elas.
- 7) Em todas as situações particulares que ocorreram com cada uma das crianças estudadas, a equipe sempre se manteve unida.
- 8) A técnica da equipe sempre esteve presente nas relações sociais e disputas de poder que ocorreram nas configurações criadas pelas crianças estudadas.
- 9) Existe uma cumplicidade e confiabilidade muito clara entre as crianças estudadas e a técnica da equipe AGINARC.
- 10) Das oito crianças estudadas, apenas uma não faz mais parte da equipe, porém, essa situação não ocorreu por vontade própria.

Em relação às configurações estabelecidas pelas crianças estudadas separadamente observamos que:

- 1) Na criança 1, as mães das outras crianças a aceitaram sem maiores conflitos.
- 2) As ginastas mais velhas na configuração estabelecida pela criança 2, serviram como estímulo para a sua integração na equipe.
- 3) O fato da disputa de poder criado pela mãe da criança pagante envolvida na configuração social estabelecida pela

criança 3 ter chegado a uma **relação primaria sem regras** segundo Marchi Jr (2004), esse fato não fez com que as outras crianças se desintegrassem, mesmo sendo de classes sociais diferentes.

- 4) O circo serviu como mais um palco para que a equipe da criança 4 se apresentasse.
- 5) A cultura imposta pela mãe da criança 5 é que dissolveu a integração dessa criança com a equipe onde ela era uma das integrantes.
- 6) A integração estabelecida entre a técnica e a criança 6 promoveu além da integração dessa criança com a equipe, a integração e a segurança dela na escola.
- 7) A criança 7 foi um dos elos de integração entre as outras de seu grupo.
- 8) A Ginástica Rítmica e a equipe conseguiram integrar até uma mãe, na configuração estabelecida pela criança 8.

Em relação aos familiares das crianças envolvidas com a equipe, obtivemos a seguinte análise:

- 1) Encontramos disputas de poder entre os pais das crianças de todos os níveis, segundo a classificação realizada por Marchi Jr (2004), independente da classe econômica social que esses pais pertençam.

- 2) Em algumas situações chegou até a existir a disputa de poder **primária e sem regras** descritas por Marchi Jr (2004) como a mais primitiva de todos os níveis.
- 3) Nem todos os pais se integram sendo colaboradores da equipe como ocorre com as crianças.
- 4) Em algumas situações, os pais, se utilizam da situação sócio econômica que pertencem para tentar levar vantagem em uma disputa de poder.
- 5) Das oito mães envolvidas no presente estudo, apenas uma não aceitou as normas de conduta da técnica da equipe e retirou a filha da atividade com a Ginástica Rítmica.
- 6) Independentemente da classe social a que pertençam, por várias situações descritas, as mães, pensam primeiramente no bem estar da sua própria filha e não da equipe como um todo.
- 7) Em todas as situações descritas, a técnica foi envolvida como meio de solução de uma situação de incômodo por parte dos pais.

Finalizada nossas interpretações a respeito das observações realizadas, partimos agora para nossas considerações finais e apontamos para a necessidade de novos trabalhos na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer considerações finais a respeito deste estudo é mais que discutir a sociedade e a Ginástica Rítmica e sua contribuição na integração de crianças através do esporte, pois o esporte, como instituição da sociedade contemporânea representa o modelo de sociedade que valoriza e premia a competência de quem o pratica.

Através desse estudo chegamos à conclusão que a Ginástica Rítmica como conteúdo da Educação Física, possui um trabalho de integração das crianças que nela estão envolvidas. Isso se faz presente ao enfatizar situações ocorridas que privilegiaram a solidariedade sobre a rivalidade, o coletivo sobre o individual, a autonomia sobre a submissão, a cooperação sobre a disputa, a distribuição sobre a apropriação, à abundância sobre a escassez, a confiança mútua sobre a suspeita, a descontração sobre a tensão, a perseverança sobre a desistência. E acima de tudo, à vontade de continuar treinando em contraposição da pressa para terminar e configurar resultados.

Muitas vezes nos percebemos a discutindo fases da nossa própria vida pessoal e profissional em momentos como, técnica e professora de ensino superior. Por diversos momentos nos encontramos em situações de profunda introspecção, tentando encontrar respostas para ansiedades pessoais e ao mesmo tempo fidedignas ao estudo realizado e tentar entender o porquê de algumas diferenciações dentro de uma mesma equipe para poder escrever sobre as mesmas com clareza, objetividade e ética.

A cultura e a história de vida de uma família, muitas vezes se chocam com as realidades e as possibilidades que o esporte propõe aos seus praticantes, independentemente da classe social que esta faz parte.

As crianças envolvidas num esporte, mais precisamente na Ginástica Rítmica, ao ingressarem numa equipe estabelecem configurações muito próximas e parecidas uma das outras, independente da classe social que fazem parte.

O que faz com que essa integração seja abalada, ou seja, menos visível é a não compreensão vinda por parte dos adultos, que são pessoas vividas e culturalmente definir através de seus próprios exemplos de vida.

Quando houve uma disputa de poder nas configurações estabelecidas pelas crianças que fazem parte da equipe pré-infantil da AGINARC, esta existiu e serviu para a solução e melhoria do convívio de todas as crianças participantes. Nessa disputa, nunca foram levadas em conta as classes sociais que pertenciam às crianças que nela estavam envolvidas.

A técnica sempre foi um elo de segurança para as crianças da equipe que contaram com ela para a solução dos possíveis conflitos dentro e fora da equipe.

Por parte dos familiares, essa integração já não acontece algumas vezes de forma tão harmônica. Os familiares são pessoas vindas de culturas e realidades sociais diferentes e não conseguem pensar no bem estar do todo. Não conseguem compreender e aceitar a integração pura e simples das filhas numa equipe.

E assim, ao finalizarmos este trabalho, sinalizamos para a necessidade de pesquisas na área que possam contribuir para a integração de crianças não só através da Ginástica Rítmica, mas de tantas outras modalidades; na expectativa que este estudo possa vir a auxiliar na continuidade destes resultados que a equipe da

Associação Curitibana de Ginástica Rítmica - AGINARC vem conquistando, com seu trabalho de inclusão social a partir do projeto “Criança na Quadra” e a integração dessas crianças com tantas outras de classes economicamente diferentes que configuram num trabalho com o esporte de alto rendimento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carmen Maria. **Educação, Cultura e criança**. São Paulo: Papirus, 1994.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981

ASSIS, Sávio Oliveira. **Reinventando o esporte; possibilidades da prática pedagógica**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001

AVERSANI, Márcia. **Ginástica Rítmica no Brasil: a (re) evolução de um esporte**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.

BARBOSA, José. C. **O esporte, um vetor de crescimento**. Seminário Internacional Sociedade Inclusiva, Minas Gerais: 2001

BODO-SCHMID. **A Gimnasia ritmica deportiva**. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1985.

Bourdieu P., Brahn, Jean Marie, ET all. **Materiales de sociología del deporte**. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1993.

CAÇOLA P. **Comparação entre as praticas em partes e como um todo e a utilização de dicas na aprendizagem motora de duas habilidades da ginástica rítmica**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Federal do Paraná, 2005.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1999.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Código de pontuação em ginástica rítmica**. Rio de Janeiro: Palestras Editoras Esportivas, 2005.

_____. **Curso técnico regional em ginástica rítmica desportiva: treinamento de alto rendimento**. Rio de Janeiro: Palestras Editoras Esportivas, 2003.

CRUSIUS, Tarsila Rorato. **A infância no Brasil: uma análise da situação da criança no Brasil**. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 2003.

CORRÊA, Márcia – **Programa “meu mundo e eu”**, www.utp.br/psico.utp.online. Acesso em 28 de março de 2006

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas**. Belo Horizonte: Oficina de Livros Ltda, 1990.

COUTO, A.C.P. **Referencial teórico do Projeto Guanabara: conteúdos da Educação Física a serem desenvolvidos nos projetos de educação pelo esporte**. In Garcia, E. S. e LEMOS, K.L.M Temas Atuais VI – Educação Física e Esportes. Editora Health, Belo Horizonte, 2001.

DEL PRIORE, Mary **História das crianças no Brasil**. 2 edição São Paulo: Contexto, 2000.

DEPARTAMENTO EDITORIAL DO GLOBO, **Dicionário de sociologia**. Porto Alegre: Globo Editora 1961.

DINIZ, Ivone. **O esporte: um vetor de crescimento**, Seminário Internacional Sociedade Inclusiva. Minas Gerais: 2001.

DURMAN, Solânia; DIAS, Denise; STEFANELLI Magda. **Validação de jogos educativos para a discussão da comunicação terapêutica** Goiás: Revista Eletrônica de Enfermagem da UFG, 2002.

ECKERT, Hellen. **Movimento e desenvolvimento humano**. São Paulo: Editora Manole, 1993.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

_____. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1980.

_____. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

_____ e DUNNING Erik. **Ensaio sobre o desporto e a violência**. Lisboa: Difusão Editorial Ltda, 1985.

_____. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Vol.1 Rio de Janeiro, Kahar Editora, 1993.

ELKIN, F. **A criança e a sociedade**. Rio de Janeiro: Bloch Editores SA, 1968.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINASTICA. **Regulamento técnico 2003**.

_____. **Regulamento técnico 2004**.

_____. **Regulamento técnico 2005**.

FEITOSA, Anna. M. **O Sentido e a acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

FREUND, Julien **Sociologia de Max Weber**. 5 edição, Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.

GAIO Roberta, **Ginástica Rítmica Desportiva “Popular” uma proposta educacional**. Campinas: Robe Editorial, 1996.

_____. e BATISTA João. (orgs.) **Ginástica em questão** . Ribeirão Preto, Tecmedd, 2006.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte Editora, 2003.

Garcia, R.P. **Compreensão da Educação Física à luz das mutações axiológicas deste final de milênio**. Revista Práxis de Educação Física e do desporto. UERJ. Rio de Janeiro. 2001

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 edição. São Paulo: Atlas 1999.

GOLDENBERG, Mírian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 4 edição Rio de Janeiro: Record, 2000.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos**. Curitiba: Editora Juruá, 2003.

LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica**. Londrina: Unopar Editora, 2001.

LUCENA, Ricardo. **Elias: Individualização e mimesis no Esporte**. In: PRONI, M. e LUCENA R. (orgs.) Esporte: historia e sociedade, Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

MARCHI JR, V. **“Sacando” o voleibol**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

_____. **Bourdieu e a teoria do campo esportivo** In: PRONI, M. e LUCENA R. (orgs.) Esporte: historia e sociedade, Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

MARTINS, M. M. **A questão do tempo para Norbert Elias: reflexões atuais sobre tempo, subjetividade e interdisciplinaridade**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

MOLINARI, Ângela. **Ginástica Rítmica, história e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Cooperativa do Fitness, 1999.

NUNES FILHO, Nabor. **Eroticamente humano**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.

OLIVEIRA P.S. **Introdução à sociologia**. São Paulo: ABDR Editora Afiliada, 2001.

OLIVEIRA, Pércio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: ABDR Editora Afiliada, 2001.

OLIVEIRA, Walter. **Educação social de rua, as bases políticas e pedagógicas para uma educação popular.** Porto Alegre: Artemed, 2004.

REVISTA DO CREF9/PR. Publicação oficial do Conselho Regional de Educação Física 9 Região – Paraná; 2002.

RUIZ, Oscar A. **A Concepção de Política de Inclusão Social e a Contribuição do Esporte.** São Paulo: Seminário Internacional de Esporte e Sociedade em anais, 2003.

SUNG, M. J.; SILVA, José. **Conversando sobre ética e sociedade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

TRIVIÑOS A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Editora Atlas, 1990.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia conceitos e aplicações.** São Paulo: Mackron Boocks, 1999.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém vai ser bonzinho na sociedade inclusiva.** São Paulo: WVA Editora e Distribuidora Ltda, 1997.

WERNER, José. - **Desenvolvimento Cultural da criança: a transformação do biológico pelo social.** Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/>>. Acesso em 21 de dezembro de 2005.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: *A Ginástica Rítmica como contributo na integração de crianças: estudo do Projeto “Criança na Quadra”*

Responsável pelo Projeto – Mestranda Simoni Valente Ribeiro

ORIENTADORA: DRA. ROBERTA GAIO

Eu _____, portador (a) do
RG _____ e CPF _____ residente à rua
_____, na cidade de
_____, responsável pela aluna/ginasta
_____, portadora do RG _____ concordo em

participar da pesquisa "**Ginástica Rítmica como contributo na integração de crianças: estudo do Projeto Criança na Quadra**", realizada sob a orientação da professora Dra. Roberta Gaio, vinculada ao programa de mestrado em Educação Física da UNIMEP, com o objetivo de analisar a integração de crianças oriundas classes sociais economicamente diferentes dos 7 aos 10 anos de idade, que fazem Ginástica Rítmica, no município de Curitiba – PR.

O intuito é contribuir para a discussão de paradigmas que permitam enfrentar alguns dos atuais questionamentos que estão postos acerca das relações sociais de poder que estruturam o cotidiano de vida e de produção do conhecimento na área da Educação Física. O tipo de pesquisa caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e observação participativa, tendo como ponto fundamental à análise das crianças em momentos de Ginástica Rítmica no Projeto “Criança na Quadra”.

Declaro estar ciente de que a identificação dos participantes será mantida em segredo e as informações prestadas serão utilizadas somente para fins de pesquisa científica, podendo ocorrer publicações sobre o assunto, e que a pesquisa não oferece desconforto e riscos. Entendo que o estudo fornecerá um registro de dados científicos sobre desenvolvimento social e Ginástica Rítmica, resultando em benefícios indiretos para os profissionais da área em questão e população que vivência a Educação Física em espaços escolares e não escolares.

Declaro que sou participante voluntário, com liberdade para recusar a participação no projeto de pesquisa em qualquer fase, entendo o valor da mesma para a área de Educação Física e estou ciente que estarei recebendo o relatório final da investigação através da pesquisadora responsável.

Data: ___/___/___

Assinatura do participante: _____